



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA

**A BALA, A LETRA E A BOLA: DITADURA E FUTEBOL NAS PÁGINAS DA REVISTA
VEJA (1969-1970)**

Acadêmico: ALEX SARTORI

Orientador: Dr. FERNANDO VOJNIAK

Chapecó

2016

ALEX SARTORI

A BALA, A LETRA E A BOLA: DITADURA E FUTEBOL NAS PÁGINAS DA REVISTA
VEJA (1969-1970)

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Vojniak

CHAPECÓ

2016

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Sartori, Alex

A BALA, A LETRA E A BOLA: DITADURA E FUTEBOL NAS PÁGINAS DA REVISTA VEJA (1969-1970)/ Alex Sartori. -- 2016.

67 f.:il.

Orientador: Fernando Wojniak.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em História , Chapecó, SC, 2016.

1. Futebol. 2. Imprensa escrita . 3. Revista Veja . 4. Ditadura civil-militar. I. Wojniak, Fernando, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ALEX SARTORI


**A BALA, A LETRA E A BOLA: DITADURA E FUTEBOL NAS PÁGINAS DA
REVISTA VEJA (1969-1970)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Vojniak

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e
aprovado pela banca em: 05/07/2016


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Fernando Vojniak



Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga



Prof. Esp. Douglas Satirio da Rocha

Aos meus pais, Genuir e Anita, pelo carinho, paciência, dedicação, incentivo e apoio. Aos meus irmãos, Felipe e Tiago. Para a Nona Inês, pela preocupação, orações e pelo carinho. À minha esposa Gisele, pela paciência e estímulo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, devo agradecer ao incentivo dado pela minha esposa Gisele, para que este curso fosse iniciado. A partir deste incentivo, isso tudo foi possível. O bom exemplo fez-me seguir seus passos e esta decisão foi extremamente acertada. Durante a graduação mostrou-se paciente, dedicada, compreensiva e amorosa.

Eu segundo lugar, mas não menos importante, devo agradecer aos meus pais, Genuir e Anita, que nestes cinco anos da graduação não mediram esforços, financeiros, físicos e intelectuais para colaborar/apoiar, desde deixando algo pronto para comer antes de ir para a aula, dando um abraço e desejando boa sorte, afirmando: “fica tranquilo tudo vai dar certo”, e até oferecendo tempo para dedicar-me aos estudos. Estendo este agradecimento aos meus irmãos Felipe e Tiago.

Da mesma forma, devo agradecer aos amigos feitos durante este processo, em especial, a Tiago Chagas, Tiago Benetti, Thiago Ribeiro, Marcos, Antonio, Maiki e Luiz Fernando, amizades feitas no ambiente universitário que ficarão para sempre. Neste sentido, devo destacar o querido Keller Augusto Bresolin e a amiga Janaine Lucia da Silva, pelas boas conversas e momentos de descontração, também muito importantes em meio a tantos desafios e obstáculos.

Gostaria de agradecer ainda aos professores do curso de História, que além de mestres são exemplos de profissionais a serem seguidos.

Por fim, devo render meu agradecimento ao querido professor Dr. Fernando Vojniak. Mestre, orientador, conselheiro e amigo, sempre compreensivo, foi responsável direto por este momento tão especial.

“Para entender a alma de um brasileiro é preciso surpreendê-lo no instante do gol.”
(Armando Nogueira)

RESUMO

A presente pesquisa pretende apresentar uma análise das formas de produção, circulação, autoria e recepção dos discursos desenvolvidos na crônica esportiva da revista *Veja* dos anos 1969-1970 sobre o futebol brasileiro e suas relações com as tentativas de controle dos meios de comunicação promovidas pelos agentes políticos do regime militar que observavam o futebol como um instrumento importante para a formação de uma identidade nacional. Entre os anos de 1964 e 1985 o Brasil vive um sistema político baseado em uma ditadura civil-militar que tem como características notáveis a censura e o controle dos meios de comunicação. A revista semanal de informação *Veja*, inserida neste contexto, pratica autocensura, mas não deixa de expor a intrínseca e alinhada relação que ditadores estabelecem com os homens do futebol capitalizando as glórias conquistadas pelo Brasil neste esporte.

Palavras-chave: Futebol, Revista *Veja*, Ditadura Civil-militar, imprensa esportiva, leitura.

ABSTRACT

This research aims to present an analysis of the forms of production, circulation, authorship and reception of discourse developed in the sports chronicle magazine *See* the years 1969-1970 on the Brazilian football and its relations with attempts to control the media promoted by agents politicians of the military regime that watching football as an important tool for the formation of a national identity. Between 1964 and 1985 Brazil is experiencing a political system based on a civil - military dictatorship whose notable features censorship and control of the media. The weekly magazine *Veja* information inserted in this context, practice self-censorship, but does not fail to expose the intrinsic and aligned relationship that dictators have with the men's soccer capitalizing the glories won by Brazil in this sport.

Keywords: Football, *Veja* magazine, Dictatorship Civil - military, sports press, reading.

LISTA DE SIGLAS

FIFA: Federação Internacional de Futebol

CBD: Confederação Brasileira de Desportos

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1:** Capa da Edição 23 de 12 de fevereiro de 1969..... p. 31.
- Figura 2:** Caderno de esportes da edição 32 de 16 de abril de 1969, com destaque para a confusão generalizada no jogo entre Brasil e Peru.....p. 33.
- Figura 3:** Capa da edição 51 de 27 de agosto de 1969 com destaque para as mudanças no futebol brasileiro.....p. 34.
- Figura 4:** O futebol retratado como centro do pensamento do brasileiro.....p. 36.
- Figura 5:** O presidente como um simples torcedor. Caderno de esportes da edição 64.....p. 37.
- Figura 6:** A edição 81 tem como destaque a demissão do técnico João Saldanha.....p. 39.
- Figura 7:** Capa da edição 95, com destaque para a melhora na imagem de Médici.....p. 45.
- Figura 8:** Médici a espera dos campeões no Palácio do Planalto.....p. 46.
- Figura 9:** Na pagina 20 temos a foto de Médici erguendo a taça do tricampeonato na festa para os jogadores.....p. 47.
- Figura 10:** Na página 21 temos a cima à chegada dos jogadores ao Brasil. Na imagem maior o dia da recepção em Brasília.....p. 48.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO : A BALA	12
2 A LETRA: OS AGENTES PRODUTORES DA CRONICA ESPORTIVA NO BRASIL E O SURGIMENTO DE VEJA	16
2.1 A imprensa Brasileira na década de 70: Papel histórico e sua contribuição para a circulação de informação e formação de ideais	16
2.2 As produções escritas: História da cultura impressa e os processos de mutações dos hábitos de leitura	21
2.3 Os produtores de Veja: a Editora Abril e o campo editorial no Brasil.....	23
2.4 Um novo formato de revista: As revistas semanais de informação e o projeto Veja....	25
3 A LETRA E A BOLA: LEITURA E CRÍTICA DOS TEXTOS FUTEBOLISTICOS E DAS CARTAS AO LEITOR NA REVISTA VEJA (1969-1970).....	28
3.1 1969: Um ano de preparação para o mundial.....	28
3.2 O gol 1000 de Pelé: O futebol como espetáculo e sua importância política e social ...	36
3.3 1970: A “estranha” demissão de João Saldanha.....	38
3.4 O tricampeonato: “O Sucesso da imagem e a Imagem do Sucesso”	42
3.5 O trabalho jornalístico da Veja em um período de censura	50
4 AS CARTAS DOS LEITORES: FUTEBOL, INTERAÇÃO E CRÍTICA.....	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
6 FONTES.....	62
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

1 INTRODUÇÃO : A BALA

Entre os anos de 1964 e 1985, o Brasil viveu um dos piores momentos da sua História. Foram 21 anos de uma ditadura civil-militar marcada por dura repressão que limitava a liberdade de imprensa e de opinião e controlava os partidos políticos. Em meio a tudo isso, os generais dominavam todas as esferas políticas do país e buscavam alternativas para se sustentar no poder e legitimar seu comando frente à população brasileira. Por um lado, usando da “Bala” e a violência policial para anunciar seu poder, ou outras estratégias, estas sutis, como a propaganda, mas com efeitos extremamente eficazes para os propósitos do regime.

Neste sentido, uma das estratégias governamentais para se popularizar e expor uma imagem vencedora foi à tentativa de controlar o esporte mais popular do país: o futebol. Assim, “O futebol, tido como um dos principais elementos socioculturais do Brasil, com um reconhecimento externo enquanto potência, o que dá a população do país uma sensação de unidade, que foi construída historicamente, desde o primeiro governo Vargas”. (GIANORDOLI-NASCIMENTO, MENDES, NAIFF, 2014 p. 144). Não era só mais um esporte, mas sim um instrumento de apego popular. Desde 1966, os militares acompanharam de perto o selecionado nacional que disputou a copa do mundo. O resultado naquele mundial foi um dos piores da História, a seleção foi eliminada ainda na primeira fase.

Em 1970 o Brasil foi campeão e a ligação governo/seleção fica mais estreita. Assim, toda a propaganda buscava ligar militares e esportistas (vencedores) lado a lado. A vitória levaria o governo atinge um ápice de popularidade, constrói uma imagem positiva, o brasileiro deveria ter orgulho de sua nação, do contrário deveria deixá-la, isto fica claro em muitas músicas da época e também nos discursos dos políticos, as interferências foram boas para o governo. Contudo, além da interferência no selecionado, os militares fizeram alterações fortes no cenário de clubes no país, promovendo uma nova formação para o campeonato nacional de clubes, muito mais abrangente, como define Santos,

em reunião no dia 4 de fevereiro de 1971, a CBD anuncia a criação de um novo campeonato para o futebol tricampeão mundial. [...]Havelange, que já contava com os votos das federações sul-americanas, não poderia enfrentar problemas políticos dentro de seu próprio país, especialmente com um governo que, na preparação para a Copa de 1970, interveio de maneira brusca na preparação do selecionado nacional. Também não poderia desagradar a elementos como os presidentes das federações estaduais. O coronel José Guilherme, o general Oldenor Maia e Rubem Moreira, presidentes das federações mineira, cearense e pernambucana, respectivamente, tiveram seus pedidos atendidos: desejavam fortalecer seu

capital político com a criação do Campeonato Nacional. (SANTOS, 2012 p. 84)

Tudo isto formava um enredo perfeito para o desfile dos Militares por todo o Brasil. O campeonato surge com a intenção clara de ser amplo e chegar a locais onde o futebol ainda não era tão popular. Como visto, o campeonato serviu ainda para interesses políticos, tanto no que diz respeito ao futebol como ao Brasil.

Nota-se, pois que o rádio e a imprensa escrita dominavam os meios de comunicação e propagação. A comunicação, propaganda e disseminação das informações são fundamentais para que os governantes expusessem seus rostos e seus feitos. Neste sentido, os jornais, revistas e folhetos impressos surgem como importantes meios de ligação entre governantes e população, podendo servir ainda, como espaços de crítica à imagem dos primeiros. Nos regimes de exceção e ditadura, deve-se ter atenção em torno das ações restritivas e de censura do governo para com a imprensa, apropriando-se dela e financiando-a. Além disso, deve-se considerar os meios de comunicação criados pelos governos para servi-los.

A partir disto, este estudo está ancorado em fontes primárias, principalmente artigos imprensa esportiva, colunas sobre diversos assuntos, Cartas do editor e Cartas dos leitores da Revista *Veja*. A análise de seus artigos e crônicas visa entender o uso político do futebol pela ditadura civil-militar, no período de 1969-1970. E com isso, perceber se estas publicações mostram a aproximação dos militares com o futebol, bem como se estes veículos de comunicação se tornaram um mecanismo de propaganda do regime, formando assim um triângulo indissolúvel entre ditadura (política), futebol e imprensa. Deve-se compreender e analisar o posicionamento destes meios de comunicação acerca da ditadura civil-militar para estimar o poder da imprensa na construção da opinião pública e da identidade nacional.

Observando o futebol e seu uso político pelos militares, através de produções culturais e midiáticas, sendo está um dos meios responsáveis por noticiar o futebol para os brasileiros. Com a análise destes veículos de comunicação, poderemos perceber se eles colaboraram com os ideais governistas e seus projetos e se são meios de transmissão de um ideal nacionalista. Ainda pode-se concluir se a revista semanária consultada foi crítica ao governo e suas atitudes em relação ao futebol nacional e/ou se contribuíram na formação da identidade nacional e do “amor” dos brasileiros pelo futebol.

Nossa análise será entre os anos de 1969-1970, englobando assim a preparação e a copa de 1970. Nossa análise vai até o final até a edição de número 95 da Revista *Veja*, do dia 01 de Julho de 1970. Como vimos, os militares “trabalharam muito” para aproximar-se do futebol e fazer dele um mecanismo de popularização do governo, mas em 1970 foi especial por um grande motivo: o Brasil sagrou-se tricampeão. Na seqüência, temos a criação do campeonato brasileiro, que terá como principal função espalhar o futebol por todo país, para isso o governo cria mecanismos e investe em grandes obras como estádios gigantescos para o padrão da época. Retirando assim o controle regionalizado do futebol e passando-o para o comando nacional e a CBD.

A partir disso, vale ressaltar a importância de entender em que contexto inserem-se as fontes utilizadas nesta pesquisa. Dessa forma, serão analisadas as formas de produção, circulação, autoria e recepção de um discurso desenvolvido na crônica esportiva dos anos 1969-1970 sobre o futebol brasileiro e suas relações com as tentativas de controle dos meios de comunicação promovidas pelos agentes políticos do regime militar que observavam o futebol como um instrumento importante para a formação de uma identidade nacional. Neste aspecto, podemos citar os textos: “Do complexo de vira-latas ao homem genial: O futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira de Luiz Carlos Borges” e “Do complexo de vira-latas ao homem genial: futebol e identidade no Brasil” de Luis Henrique de Azevedo Borges, que nos ajudam a compreender a identidade nacional a partir do futebol. Além disso, não se pode esquecer da recepção deste conjunto de informações. Para isto, tentou-se aproximar do universo dos leitores, analisaremos os hábitos de leitura deste período.

Esta pesquisa será dividida em três capítulos: No primeiro deles faremos reflexões sobre os conceitos de “indústria cultural” e “formação de identidade nacional”. E serão analisados alguns fatores responsáveis por promover a hegemonia do Estado ditatorial. Ainda buscaremos compreender o poder da imprensa na disseminação e circulação de informação ao longo da história e particularmente na ditadura civil-militar brasileira e como os hábitos de leitura foram se modificando ao longo do tempo, buscando entender a História da imprensa escrita e do jornalismo semanário a partir da cultura escrita e da História do livro. Foi feito ainda um estudo sobre as condições de produção das crônicas esportivas no

Brasil, buscando entender como era o ambiente dos agentes produtores destes textos e as ideologias envolvidas neste processo. Ainda apresentaremos o surgimento da Revista *Veja*, quais são seus objetivos, por que e por quem é idealizada e a qual público é destinada. No segundo capítulo faremos a análise das crônicas e artigos da Revista *Veja* relacionados ao futebol, com atenção ainda para a Carta do Editor. Já no terceiro e derradeiro capítulo discutiremos “o leitor” de *Veja*. Enfatizando a importância e as dificuldades de compreender os hábitos de leitura e o agente ativo que é o leitor.

A análise das fontes oferece condições e possibilidades para uma melhor compreensão dos modos pelos quais um regime de exceção tenta fazer uso das instituições esportivas, culturais e de imprensa e comunicação para atender a interesses político-culturais de unidade nacional que revelam suas posições na constituição histórica da identidade nacional brasileira, expondo a relação entre militares e a Confederação Brasileira de Futebol (CBD).

2 A LETRA: OS AGENTES PRODUTORES DA CRONICA ESPORTIVA NO BRASIL E O SURGIMENTO DE VEJA

2.1 A imprensa Brasileira na década de 70: Papel histórico e sua contribuição para a circulação de informação e formação de ideais

Desde sua invenção, a imprensa exerce forte influência sobre a população, seja através da publicidade, ou das reportagens torna-se um lugar de memória, com fragmentos da história. Sabendo disso, os governos ditatoriais restringem a liberdade dos meios de comunicação e fazem uso deles a seu favor, anunciando e enaltecendo os feitos dos governantes ou simplesmente censurando o que não convinha a concepção política ou moral do regime. No Brasil não foi diferente, seja na “Era Vargas” ou na ditadura militar, a imprensa foi controlada e/ou manipulada buscando favorecer o governo e seus aliados. A imprensa é também dependente das propagandas do Governo Federal, os anúncios governamentais ajudam a manter/financiar os meios de comunicação. Por este motivo alguns veículos de imprensa preferem estar aliados ao governo. Para exemplificar este cenário e em um contexto mais atual. No ano de 2013 o Governo Federal gastou um total de R\$ 2.300.000.000 com propaganda. Estes valores foram distribuídos para os mais diversos espaços midiáticos como empresas de publicidade e propaganda, rádios e televisão.¹

Com a popularização da internet, isso fica mais difícil, tendo em mente ainda que a população dispusesse de vários meios para comunicar-se e informar-se. Entretanto, no período ditatorial o cenário era outro. As imagens da televisão ainda eram em preto e branco, sendo que no final da década de 70 iniciaram os testes para a TV colorida, de qualquer forma, essa novidade ainda era restrita, possuía um conteúdo pouco atrativo e de baixa qualidade. E com isso, a imprensa escrita e o rádio ganhavam força e dominavam as comunicações e a disseminação da informação.

O futebol torna-se democrático e populariza-se a partir do início do século XX. Neste momento, uma grande quantidade de clubes de futebol são fundados, como exemplo, podemos citar, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (1903), o Clube Atlético

¹ Dados do portal da transparência. Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/PortalTransparenciaGDProgramaPesquisaFavorecido.asp?ano=2013&codigoPrograma=2015&nomePrograma=Aperfei%C3oamento&codigoFuncao=10&codigoSubfuncao=131&codigoAcao=4641&nomeAcao=Publicidade%20de%20Utilidade%20P%FAblica&textoPesquisaPrograma=2015&textoPesquisaAcao=&textoPesquisaFavorecido=&Ordem=1>. Acesso dia 14 de Junho de 2016. Às 13:30 hs.

Mineiro (1908), Sport Club Internacional (1909), Santos Futebol Clube (1912). Outros clubes, destinados as regatas, como o Clube de Regatas do Flamengo (1895) e o Club de Regatas Vasco da Gama (1898), passam a investir no futebol. Este fenômeno continua até a metade do século, com o surgimento de mais clubes, criação de ligas e campeonatos e construção de estádios grandiosos.

A popularização do futebol pode ser percebida também através da música e da literatura. Dessa forma, compositores e escritores passam a incluir o tema em suas letras. A música “Conversa de botequim”, primeiro grande sucesso de Noel Rosa (1910-1937) é um exemplo pertinente. Este cantor, compositor e violonista, compôs mais de 300 músicas. Na letra de “Conversa de botequim” percebemos o interesse pelo esporte e como o mesmo estava disseminado pela sociedade, como podemos perceber a partir do seguinte trecho:

Seu garçom, faça o favor de me trazer depressa
 Uma boa média que não seja requentada
 Um pão bem quente com manteiga à beça
 Um guardanapo e um copo d'água bem gelada
 Feche a porta da direita com muito cuidado
 Que não estou disposto a ficar exposto ao sol
 Vá perguntar ao seu freguês do lado
 Qual foi o resultado do futebol

O futebol é também evidenciado na literatura. Como destaque, pode-se citar o escritor e cronista Nelson Rodrigues (1912-1980). Rodrigues foi responsável por apresentar o futebol e sua relação com o povo brasileiro a partir das crônicas esportivas, principalmente na segunda metade do século XX. Com frases como: “Muitas vezes é a falta de caráter que decide uma partida. Não se faz literatura, política e futebol com bons sentimentos” e “Um Garrincha transcende todos os padrões de julgamento. Estou certo de que o próprio Juízo Final há de sentir-se incompetente para opinar sobre o nosso Mané” expõe o que representa o futebol para o brasileiro e como os ídolos do esporte transcendem o próprio jogo. Uma das principais obras de Nelson Rodrigues é “A pátria de chuteiras”, uma compilação de crônicas escritas entre 1950 e 1970 que originalmente foram publicadas em jornais como *O Globo*, *Jornal do Sports* e *Manchete Esportiva*. Nelson Rodrigues expõe o futebol com clareza e dinamismo, ligando-o a política e ao cenário internacional.

Para Nelson Rodrigues

já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante. E justiça se faça ao escrete: — é ele que está promovendo, quem está anunciando o Brasil.(RODRIGUES, 2013, p.23)

O brasileiro é destacado como um povo que envolve-se com o futebol de maneira distinta, Rodrigues, “[...] diria ainda que nós também “vivemos” o futebol, ao passo que o inglês, ou o tcheco, o russo apenas o joga. Há um abismo entre a seca objetividade européia e a nossa imaginação, o nosso fervor, a nossa tensão dionisiaca.” (RODRIGUES, 2013, p. 27)

É importante salientar ainda o contexto social brasileiro. Luiz Henrique de Azevêdo Borges, estudioso da relação entre futebol e formação de identidade, aponta que,

[...]a sociedade brasileira passou por uma série de mudanças nas décadas iniciais do século XX, advindas das alterações pelas quais o país passava naquele momento, tais como o crescimento das cidades e da população, o aparecimento de novas indústrias, melhoria nos transportes públicos com o surgimento de novas linhas de bonde, entre outros. Obviamente que as classes sociais também se alteraram, inclusive com o aumento do número dos assalariados. Tais alterações também reverberaram no futebol, pois um número crescente de pessoas era atraído por esse esporte, que assim foi se transformando em um poderoso evento de massas. Nesse caminho o futebol revelou-se não só um fenômeno de ilimitado alcance social, mas também se tornou uma das nossas riquezas como nação, assim como uma de nossas principais caixas de ressonância social. (BORGES, 2007 p. 2)

Assim, percebe-se que, com o aumento da renda, a população busca diversão, e o futebol apresenta-se como um esporte popular ao alcance da maioria dos brasileiros. Aquele que não podia ir ao estádio, ouvia o jogo pelo rádio, lia no jornal as notícias de seu time e do selecionado nacional. Por isso, nossas atenções às crônicas e aos artigos na revista. Para Borges:

o Brasil como país do futebol não é um dado natural, mas uma construção discursiva que pode ser datada temporalmente. Na construção dessa imagem os cronistas esportivos tiveram um papel proeminente, afinal as crônicas estavam presentes nos grandes jornais que circulavam diariamente pelo país. Cabe ressaltar que até o aparecimento e popularização da televisão, o papel de informar e formar a opinião pública coube especialmente aos jornais e às rádios. Por meio desses dois meios de comunicação, os cronistas de futebol emitiam suas opiniões sobre os acontecimentos e iam construindo suas interpretações não só dos jogos em si, mas também, de forma consciente ou inconsciente, de país. Pode-se afirmar que as crônicas não se circunscrevem apenas à área esportiva, mas seus discursos atingem outros espaços de sociabilidade, e nesse sentido, as reflexões acerca do futebol abarcam não só questões identitárias, mas também são portadoras de projetos para a nação brasileira. (BORGES, 2007 p. 2)

O jornalismo esportivo teve e tem contribuído para esta formação de identidade atrelada ao futebol. O esporte mais praticado pelos brasileiros atualmente populariza-se em um contexto muito singular Segundo Gerson Fraga (2009 p. 153), a “popularização do futebol ocorre dentro de um contexto histórico específico.” Este

momento seria durante e no pós primeira Guerra Mundial (1914-1918). Nos meandros do século XX o mundo vive uma agitação incomum, com conflitos bélicos e crises nos sistemas políticos, com vários movimentos nacionalistas surgindo, dessa forma,

[...] enquanto no exterior a exacerbação de tais sentimentos conduzia aos horrores da Primeira Guerra Mundial, no Brasil, autores como Euclides da Cunha ou Oliveira Lima passavam a mostrar a viva preocupação com as formas que se daria a assimilação de elementos culturais e étnicos diversos dentro de uma mesma unidade. Diante da inconveniência da guerra – seja ela contra soldados estrangeiros ou jagunços da nação – a vinculação entre a bandeira e o esporte em geral (e o futebol em particular) acabaria por proporcionar uma solução para as formas de se expressar o nacionalismo. (FRAGA 2009 p. 153)

Neste sentido, devemos elucidar alguns conceitos que serão centrais em nossa pesquisa, como: “formação de identidade nacional”, “fatores que promovem a hegemonia do estado ditatorial”, “indústria cultural” e “imprensa na ditadura”.

Assim sendo, inicialmente deve ficar claro o que aponto como formação de identidade a partir do esporte, no caso do Brasil especificamente o futebol, em outros países poderia citar outros esportes ou eventos, mas que podem igualmente funcionar como práticas que fazem com que uma determinada população crie um ego, um amor e orgulho próprio, sentindo-se superior a outras nações a partir deste esporte. “Desta forma, o ato de colocar-se em posição de inferioridade diante de outros povos do mundo poderia ser percebido como um movimento simultâneo à nossa incapacidade de grandes realizações” (FRAGA 2009 p. 160)

Textos acadêmicos sobre o futebol tardam a surgir no Brasil. O esporte já estava difundido há anos, mas apenas nos anos 70 temos produções que ligam o futebol à sociedade brasileira. Luiz Carlos Ribeiro aponta o início deste processo da seguinte maneira:

[...] surgem, no final dos anos 1970, os escritos acadêmicos sobre futebol no Brasil. Foi quando Roberto DaMatta, com análises tanto inaugurais quanto tardias, nos impressionou com a assertiva de que o futebol explica o Brasil. Inaugural, porque os seus escritos foram os primeiros com uma abordagem acadêmica. Tardia, porque a descrição que nos deu do futebol estava mais próxima dos anos 1940-60, de Gilberto Freyre e Mario Filho, do que da desgastada integridade nacional dos anos 80. Futebol e nação estavam sendo ressignificados, perdiam coesão, logo, associá-los era mais um dos recorrentes exercícios de buscar no passado o sentido da nação que o presente corroía. (RIBEIRO, 2012 p.28)

Em nosso país, podemos destacar outros aspectos importantes na formação da identidade nacional que vão além do futebol, como define Camila Konrath

Pereira, em seu artigo “Pra frente Brasil: Ditadura militar, identidade e copa de 70”.
Para ela,

a identidade está amparada por um sistema de práticas e símbolos que operamos em contextos específicos. No carnaval, no samba e no futebol, nos identificamos e inundamos o nosso imaginário com esses símbolos que nos diferenciam como nação. Os mesmos símbolos de alegria e descontração que nos alegram, em outros momentos nos incomodam por não sermos levados a sério dessa maneira. Eis o contexto internacional e a ideia que projetamos de nós mesmos para o exterior. E mesmo que a definição da identidade seja uma mera generalização e repetição de discurso, não expressando o que todos os brasileiros gostam/são, ainda estamos presos a ele. (PEREIRA, 2012 p. 9-10)

Sem dúvida, este esporte contribui para a formação da identidade dos brasileiros, o apego a grandes conquistas, e o reconhecimento mundial, porém tudo isso vai do topo até a base muito rapidamente. Borges destaca que o futebol é um

objeto que suscita paixões e discussões sempre acaloradas, por isso mesmo, ingenuamente classificado fora dos assuntos ditos sérios. Porém, o futebol é um elemento marcante da identidade brasileira. Ele é capaz de engendrar sentimentos completamente díspares: alegria – tristeza, amor – ódio, delírio – desprezo, realização – fracasso, entre muitas outras possibilidades. (BORGES, 2007 p.1)

Por isso nosso recorte temporal abrange o momento da “maior vitória” esportiva do período ditatorial, a copa de 70.

Outro aspecto que deve ser esclarecido é a questão da hegemonia, diferente de outros regimes ditatoriais, a do Brasil, mais especificamente no governo Médici, que abrange nosso recorte temporal. Luciano Gruppi, em seu estudo sobre Gramsci, trata esta questão da seguinte maneira,

a hegemonia é...[a] capacidade de unificar através da ideologia e de conservar unido um bloco social que não é homogêneo, mas sim marcado por profundas contradições de classe. Uma classe é hegemônica, dirigente e dominante, até o momento em que – através de sua ação política, ideológica, cultural – consegue manter articulado um grupo de forças heterogêneas, consegue impedir que o contraste existente entre tais forças exploda, provocando assim uma crise na ideologia dominante, que leve à recusa e tal ideologia, fato que ira coincidir com a crise política das forças no poder. (GRUPI 1978, apud MARTINS 1999 p. 12)

E o autor complementa apontando a maneira pelo qual ocorre esta dominação. Para Gruppi, “Gramsci utiliza o termo ditadura ou dominação para definir a situação de um grupo social não hegemônico, que domina a sociedade exclusivamente através da coerção, graças à detenção do aparelho de Estado” (GRUPI 1978, apud MARTINS 1999 p. 12). Entretanto, o caso brasileiro é distinto, para se sustentar no poder os militares usaram outros meios além da coerção, tratando especificamente do governo Médici, Martins define o seguinte,

[...] esse governo fez uso não só de práticas coercitivas para exercer poder, mas também de um forte aparato propagandístico que procurou, através da associação entre propaganda oficial e “não oficial”, transmitir junto a sociedade uma imagem ideologicamente favorável ao regime. (MARTINS 1999 p. 12).

Como exposto acima, a manutenção da hegemonia depende de vários fatores, dois dos mais destacáveis são a imprensa e a indústria cultural. Esta segunda, “traz em seu bojo todos os elementos característicos do mundo industrial moderno e nele exerce um papel específico, qual seja o de portadora da ideologia dominante, a qual outorga sentido a todo sistema.” (ORTIZ 1989. *apud* MARTINS 1999 p. 21). A “ideologia dominante” procura formar uma sociedade massificada, contudo nem sempre as “massas” aceitam o que lhe impõe.

Os militares e a elite apoiadora do regime buscavam o controle dos meios de comunicação e da imprensa em geral, para assim exercer sua hegemonia por um viés mais sutil, por meio da propaganda e da censura.

A elucidação e exposição dos conceitos acima servem como marcos teóricos. É importante avaliar o período e o contexto social em que a Revista *Veja* está inserida. Cabendo ainda refletir sobre as formas de produção das fontes dos textos utilizados. Cabendo a partir disso, compreender a história do livro e da leitura.

2.2 As produções escritas: História da cultura impressa e os processos de mutações dos hábitos de leitura

As produções escritas são fundamentais para disseminação de informações e conhecimento. José D’assunção Barros vê ainda os livros como objetos culturais, segundo ele,

ao escrever um livro, o seu autor está incorporando o papel de um produtor cultural. Isto todos reconhecem. O que foi acrescentado pelas mais modernas teorias da comunicação é que, ao ler este livro, um leitor comum também está produzindo cultura. A leitura, enfim, é prática criadora — tão importante quanto o gesto da escritura do livro. Pode-se dizer, ainda, que cada leitor recria o texto original de uma nova maneira - isto de acordo com os seus âmbitos de 'competência textual' e com as suas especificidades (inclusive a sua capacidade de comparar o texto com outros que leu, e que podem não ter sido previstos ou sequer conhecidos pelo autor do texto original que está se prestando à leitura). Desta forma, uma prática cultural não é constituída apenas no momento da produção de um texto ou de qualquer outro objeto cultural, ela também se constitui no momento da recepção. (BARROS, 2003 p. 146)

Tomando o livro como um objeto cultural, para compreender um texto escrito, devemos perceber toda a complexidade que o cerca, da produção a recepção. Estaríamos assim adentrando na história cultural. E para a compreensão deste

campo, segundo Georges Duby, devemos perceber os “mecanismos de produção destes objetos culturais”. Afinal, “os livros, manuscritos ou impressos, são sempre o resultado de múltiplas operações que supõem decisões, técnicas e competências muito diversas”. Dessa forma o autor, pode ser referência máxima ou pode ser dissolvido por um sistema de implicações e interesses maiores que ele, fazendo com que “os autores não escrevem os livros, nem mesmo os próprios” (CHARTIER, 2010 p. 21). Ou seja, mesmo os livros de sua autoria recebem uma série de informações de outros autores/pensadores, por isso, os autores não escrevem nem mesmo seus próprios livros.

Ainda refletindo sobre os meios de produção do livro e dos escritos de modo geral e refletindo sobre o recorte temporal da pesquisa (1969-1970) em que o Brasil está envolto em uma ditadura civil-miliar, Chartier nos orienta a termos atenção para com “as autoridades, que entendem impor seu controle ou monopólio sobre o escrito” (CHARTIER, 2010 p. 21).

A história do livro nos remete a Gutemberg e a tipografia. A produção de livros em grande quantidade pode até mudar as formas de distribuição e facilitar “popularizar” os escritos. Contudo Chartier defende que

[...] o livro não é modificado pela invenção de Gutemberg. Por um lado, pelo menos até mais ou menos 1530, o livro impresso continua muito dependente do manuscrito: imita-lhe as paginações, escritas, aparências; acima de tudo, exige-se que o acabamento do livro seja obra da mão do iluminador que pinta letras iniciais adornadas ou historiadas e miniaturas; a mão do corretor, ou emendador, que acrescenta sinais de pontuação, rubricas e títulos; a mão do leitor, que inscreve na página notas e indicações marginais (4). Por outro lado, e mais fundamentalmente, depois como antes de Gutemberg, o livro é um objeto composto de folhas dobradas, reunidas em cadernos, os quais, por sua vez, são encadernados. Nesse sentido, a revolução da imprensa não é, de forma alguma, aparecimento do livro. Doze ou treze séculos antes da nova técnica, o livro ocidental já encontrara a forma que permaneceria idêntica na cultura do impresso. (CHARTIER, 1994 p. 186)

O livro vive em constante transformação. Nos dias atuais, as telas de monitores e *tablets* formam bibliotecas portáteis,

a revolução do nosso presente é, com toda certeza, mais que a de Gutemberg. Ela não modifica apenas a técnica de reprodução do texto, mas também as próprias estruturas e formas do suporte que o comunica a seus leitores. [...] Com o monitor, que vem substituir o códice, a mudança é mais radical, posto que são os modos de organização, de estruturação, de consulta do suporte do escrito que se acham modificados. (CHARTIER, 1994 p. 186)

Muda o livro, muda a leitura. Os hábitos de leitura também se transformam, passando da leitura em voz alta, em locais públicos, oportunidades para todos

acessarem os textos, mesmo os analfabetos. Em seguida, temos a leitura silenciosa em ambientes fechados. O estilo de leitura muda, lemos mais e mais rápido, lemos ainda muito mais que livros, lemos revistas, jornais e mais, lemos bulas, rótulos, legendas, manuais, placas, etc. Chartier defende que tudo isto faz parte de uma revolução no estilo de leitura. Para o autor,

[...] na segunda metade do século XVIII, à leitura intensiva haveria de suceder outra, qualificada de extensiva (13). O leitor intensivo é confrontado com um corpus limitado e fechado de textos lidos e relidos, memorizados e recitados, ouvidos e sabidos de cor, transmitidos de geração a geração. Os textos religiosos, e em primeiro lugar a Bíblia nos países protestantes, são os alimentos privilegiados desta leitura, fortemente marcada pela sacralidade e autoridade. O leitor extensivo, o da Lesewut, da ânsia da leitura que toma conta da Alemanha no tempo de Goethe, é um leitor totalmente outro: ele consome muitos e variados impressos; lê-os com rapidez e avidez, exerce em relação a eles uma atividade crítica que, agora, submete todas as esferas, sem exceção, à dúvida metódica. (CHARTIER, 1994 p. 188-189)

Estes meandros da produção, distribuição e recepção são fundamentais para nossa pesquisa. Bem como outras produções deste período de ditadura civil-militar, sejam jornais, panfletos ou até musicas, devem ser submetidos ao exame das condições de produção, circulação e recepção.

2.3 Os produtores de Veja: a Editora Abril e o campo editorial no Brasil

Para podermos compreender e empreender uma análise de crônicas e artigos, devemos antes compreender os objetivos da revista a ser estudada. Quem é responsável pelas edições e para quem estas fontes de informação são produzidas, e por último, mas não menos importante, quem às lê, como lê e de que forma este leitor reage as informação.

O enfoque de nossa pesquisa é a revista semanária *Veja* lançada em 1968. Para compreendê-la, devemos analisar seu surgimento e quem a produz. Os editoriais estão em transformação, principalmente com a popularização do rádio e da televisão, neste sentido o trabalho das grandes editoras está sendo repensado. A Revista *Veja* era apenas uma, das várias publicações da Editora Abril. Victor Civita, fundador do grupo, via no mercado brasileiro um campo com potencial para a expansão do mercado editorial e de sua empresa. Segundo Daniella Villata²,

os objetivos de Victor Civita não estavam restritos à formação do maior império gráfico da América Latina, iam, além disso, pois para sustentar esse investimento era preciso ampliar o mercado leitor brasileiro. Essa empreitada incluía “trabalhar duro para exercer um papel renovador, não

²

Grifos da autora.

somente no panorama editorial, mas também e, sobretudo, na formação de novas atitudes, influenciando hábitos da nação, aguçando curiosidade, avivando seus interesses, aprofundando sua cultura e lhe dando verdadeira dimensão do seu papel no mundo. Nas palavras de Victor Civita: “Eu tinha convicção absoluta de que tudo iria dar certo. O Brasil era um país muito grande que não estava lendo. Havia um universo a ser explorado. O que eu precisava era de idéias. Pelo menos duas boas idéias por dia. E sempre viria a tê-las...”. O início da Editora Abril no Brasil tem raízes na tradição gráfica que a família Civita possuía e que já tinha sido experimentada em mercados latino-americanos, como na Argentina, onde o irmão de Victor, Cesare Civita, já executava tal empreendimento. O capital para o impulso inicial – US\$ 500.000,00 – lhe pertencia apenas em parte e, além disso, só havia seu estágio na Argentina e a experiência que tivera no setor de publicidade, ainda nos Estados Unidos, e o contrato para editar Walt Disney no Brasil, cedido por seu irmão Cesare. Em 1950, Victor Civita lança sua primeira publicação: o Pato Donald, com uma tiragem de 82.000 exemplares, impressos nas oficinas Lanzara e Gráfica dos Tribunais.(2002, p. 1-2)

Neste sentido, as duas primeiras revistas da Editora Abril, *Pato Donald* e *Capricho* (1952) foram sucessos de vendas, a primeira usufruindo dos direitos de exploração da marca Walt Disney no Brasil. Os destaques do grupo na década de 1950 ficam para as ilustradas infantis e para as fotonovelas como a *Capricho* citada acima.

Deve-se destacar ainda o lançamento da revista *Realidade* no início de 1960. Semanal e formada por um grupo de editores jovens, a revista buscava debater em tom crítico temas considerados tabus para aquele momento, sexo por exemplo. *Realidade* passa a ter problemas com a ditadura civil-militar e ficara de lado com o projeto de Veja. A Revista *Quatro-Rodas*, desenvolvida em um momento de expansão das rodovias, passa a ser também um destaque da editora. Assim “a automotiva *Quatro-Rodas*, que vem também para divulgar a implantação das indústrias de automóveis no país. De inspiração italiana, tem à sua frente um *expert* em revistas, o também italiano Mino Carta.”(VILLALTA, 2002, p. 3). Mino Carta³ participaria mais tarde da criação da Revista Veja.

O grupo editorial Abril possui uma estrutura forte de produção e distribuição, para Villalta,

a estrutura gráfica da Editora Abril já estava preparada para trabalhar semanalmente com grandes tiragens, afinal havia a experiência com os altos números da circulação dos fascículos, com as grandes tiragens de *Realidade* e a solidez empresarial do grupo que era fundamentalmente favorecida pelo esquema de distribuição feito por uma de suas empresas: a

³ Demetrio Giuiliano Gianni Carta, conhecido como Mino Carta, é um italiano naturalizado brasileiro, que dirigiu equipes de criação de várias publicações de destaque, a exemplo de *Veja*, *IstoÉ*, *Quatro Rodas*, *Jornal da Tarde* e *Carta Capital*, na qual continua atuando como editor.

Dinap S.A. – Distribuidora Nacional de Publicações. Além disso, o faturamento da Editora chegara aos US\$ 28 milhões.

O grupo editorial estava consolidado e isso era importante para um novo lançamento. A editora possuía um departamento de documentação (DEDOC) que sistematizou o que havia de informação e renovaram os arquivos, tudo isso veio com a experiência que a revista realidade proporcionou. Para ter *Veja* tudo isso era necessário. A televisão em crescimento faz com que o conteúdo de jornais e revistas seja mais seletivo, para Alberto Dines, “[...] o lançamento de uma publicação com periodicidade semanal e caráter informativo era imprescindível que fosse organizado todo o material armazenado pela editora, para facilitar a seleção dos mais importantes e úteis aos seus objetivos jornalísticos”. (DINES 1997 *apud* VILLALTA, 2002, p. 4).

Para tirar a Revista *Veja* do papel, era preciso equipe técnica especializada, recursos e um bom projeto. Isto a Editora Abril possuía. Mas o novo projeto era distinto dos demais já lançados. Um semanário de informação precisava ser atual, dinâmico, trazer informações do Brasil e do cenário mundial e tudo isso deveria chegar a todo o Brasil quase ao mesmo tempo, afinal na televisão as notícias chegavam rapidamente aos brasileiros. A popularização da televisão, juntamente com o rádio faz com que as editoras repensem tanto o formato como os conteúdos de seus produtos.

2.4 Um novo formato de revista: As revistas semanais de informação e o projeto Veja

Victor Civita, fundador do grupo Abril, via com bons olhos o mercado editorial no Brasil. Nos anos 60, com quase 50 milhões de habitantes, destes nove milhões estavam em São Paulo o país estava em crescimento e a população aceitava e era atraído para as novidades, além disso, o número de analfabetos começa a reduzir e o público que busca informação em jornais e revista vai aumentando.

Roberto Civita, filho do fundador do grupo, estava à frente do projeto para a Revista *Veja*, para ele, a “nova” revista deveria seguir um padrão próximo da estadunidense *Time*.

A Revista *Veja* surge em 1968, com o propósito de ser uma revista semanal de informação. Segundo Maria Ribeiro do Valle a revista seguia “o modelo *news magazine*, importado dos Estados Unidos, particularmente da revista *Time*, no qual predominam os temas de atualidade e de informação geral” (VALLE, 2012, p. 131-

132). O investimento da Editora Abril era alto para formar um novo modelo editorial no Brasil. O novo formato tinha objetivos audaciosos, o principal era concorrer com o crescimento do rádio e principalmente da televisão. O novo modelo traria mais informações e menos fotografia, distanciando-se assim dos modelos foto-magazine e ilustrado.

Os trabalhos se iniciam com o Projeto Falcão. O projeto vislumbrava perceber se a revista seria viável e com o lançamento de números zero, entenderia como o mercado se comportaria em relação à nova revista. O projeto iniciou-se em 1959 e o primeiro exemplar saiu em 1968. A revista surgiu “[...] com a consolidação da Editora Abril como um complexo gráfico moderno e potente, o que aconteceu em sintonia com o fortalecimento do setor industrial brasileiro e trazendo uma orientação diferente do produto final que chegou às bancas quase nove anos mais tarde” (VILLALTA, 2002, p. 5). No total são formulados 14 números zero, todos buscando compreender o mercado e buscando o modelo ideal⁴.

Um grande passo para o projeto da nova revista sair do papel, foi dado por Victor Civita, que desloca-se à Itália para “contratar” Mino Carta para ser diretor da *Quatro Rodas* e em seguida trabalhar com a *Veja*. A nova revista deveria concorrer no Brasil com a *Manchete*, revista ilustrada de sucesso naquele momento. O nome *Veja* já sugere o que o leitor encontraria na revista.

Neste sentido a nova revista propunha um formato novo, com repórteres espalhados pelo Brasil e pelo mundo, trazendo informações variadas, com textos completos e de fácil entendimento. Um grande diferencial da revista seria a forma a qual seria distribuída. A Editora Abril possui recursos e estrutura para distribuir os exemplares da semanária quase ao mesmo tempo por todo o Brasil. Victor Civita, editor da revista em seu início, destaca os objetivos do semanário. Segundo ele⁵,

onde quer que você esteja, na vastidão do território nacional, estará lendo estas linhas praticamente ao mesmo tempo que todos os demais leitores do país.[...] Agora nasce VEJA. Para fazê-la, selecionamos 100 entre 1800 candidatos universitários de todos os estados e realizamos um inédito curso de jornalismo. Ao término do curso, cinquenta destes moços e outros tantos jovens “veteranos”, formamos a maior equipe redacional já reunida por uma revista brasileira. Enviamos redatores e editores para o exterior a fim de observar as principais revistas congêneres em ação. Abrimos ou ampliamos escritórios regionais em todas as grandes cidades do país e montamos uma

⁴ “Números zero” são modelos de revistas com conteúdo e imagens e que possuem a função de compreender o mercado.

⁵ As citações diretas feitas neste trabalho manterão a ortografia original presente nos textos impressos na revista. Dessa forma se poderá notar alguma discordância com as normas ortográficas atuais.

complexa rede de telecomunicações para mantê-los em contato constante com a redação em São Paulo.[...] Finalmente no decorrer dos últimos três meses, preparamos treze edições experimentais completas –com capa, texto, fotos e anúncios –, a fim de treinar toda a grande jornada que hoje se inicia. [...] O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado. E este é o objetivo de VEJA.⁶

Percebe-se nestas linhas iniciais, da carta do editor, quais eram os objetivos da revista e qual era a proposta segundo os seus idealizadores. Mais adiante, Roberto Civita “agradece” aos que segundo ele “reclamavam da Abril este lançamento”, neste ponto cita “os milhões de leitores, as classes governantes, produtoras e intelectuais”.⁷ O modelo de revista proposto possibilita a comunicação dos diretores/editores com os leitores. A Revista *Veja*, como um periódico semanário “[...] elabora sínteses dos acontecimentos organizando-os em narrativas próprias, buscando explicar e atribuir sentido à realidade a partir de um espaço maior de tempo.” (SILVA, 2014, p. 23), diferentemente de um jornal por exemplo. A nova revista é lançada em setembro de 1969, ao custo de 1,0 Cruzeiro Novo, e ao final do recoste temporal analisado, custava 2,50 Cruzeiros. A revista passaria por um período de crise logo após seu lançamento oficial em que os anunciantes se distanciaram. Por isso o preço teria aumentado, para que a editora diminuísse os prejuízos com a *Veja*.

⁶ Carta do editor. Victor Civita, *Veja*, 11 de setembro de 1968, p. 20-21, Nº 01.

⁷ Carta do editor. Victor Civita, *Veja*, 11 de setembro de 1968, p. 20-21, Nº 01.

3 A LETRA E A BOLA: LEITURA E CRÍTICA DOS TEXTOS FUTEBOLÍSTICOS E DAS CARTAS AO LEITOR NA *REVISTA VEJA* (1969-1970)

3.1 1969: Um ano de preparação para o mundial

Para iniciarmos as ponderações sobre os textos relativos ao selecionado brasileiro e o comando da confederação de futebol na revista *Veja* durante o período ditatorial deve-se fazer algumas considerações iniciais. Primeiramente cabe destacar que a revista trata o golpe militar de 1964 como “revolução”.

Mesmo não tendo os textos políticos como foco em nossa pesquisa, devemos pontuar a posição da revista semanária em relação a este período da história brasileira que se envolve diretamente com nosso problema de pesquisa. Em algumas capas encontramos a palavra “revolução” ao tratar do governo federal.

A imprensa ligada ao esporte, como em outros editoriais, cria um público cativo, que lê periodicamente notícias sobre seu clube ou a seleção. Estes textos são dirigidos justamente a este público “cativo” e justamente por isto, está carregado de termos e expressões próprias deste esporte. Tendo em vista que a revista *Veja* é direcionada para um público com “certo grau de instrução”, não devemos desconsiderar o poder da “letra”. Desse modo,

[...] estes conjuntos de imagens criados pela imprensa como um todo – e pela reportagem esportiva em particular – ao mesmo tempo em que criados a partir de um local de poder, são também dispostos em uma relação que se dá de forma verticalizada. [...] nos parece por demais evidente que a atribuição deste “poder de verdade” às palavras proferidas pela imprensa está diretamente direcionada com níveis de escolaridade e/ou analfabetismo. (FRAGA 2009 p. 164)

Podemos dividir nossa análise em três momentos: Antes de João Saldanha no comando técnico da seleção; João Saldanha como técnico da seleção; e o pós Saldanha, com Zagalo como técnico na copa do mundo.

O primeiro momento inicia no ano de 1969. Este ano apresenta-se com uma série de incertezas em relação à seleção brasileira e principalmente ao comando da CBD. (Confederação Brasileira de Desportos). Sem técnico, o selecionado passava por um momento turbulento, exatamente no ano em que enfrentaria as eliminatórias para a copa de 1970. Em meio a tudo isso surgia o AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, tomava forma em 1969 e “ameaçava” as federações estaduais e a CBD.

Na edição de 15 de janeiro de 1969 a Revista Veja destaca a “crise” enfrentada pelo futebol brasileiro. A reportagem da seção de esportes destaca que os jornalistas internacionais, antes da copa de 1966 na Inglaterra, não entendiam como o Brasil teria sido campeão por duas vezes em meio a tamanha desorganização, mesmo estando em constante “crise” ainda assim produzia resultados expressivos. No entanto a reportagem destaca que agora o problema era maior, afinal:

[...] as crises sempre nasceram no balde das vaidades e dos interesses pessoais. E seus personagens, quase sempre foram os mesmos. Outro detalhe: a crise de agora parece um pouco mais séria, porque está sendo alimentada por um certo medo. O medo de que o Governo resolva entrar no jogo também. E decida, pelo menos, trocar os personagens. (E o futebol? Em crise. Veja, 15 de janeiro de 1969, p. 50, Nº 19.)

Percebe-se, que os “problemas” são distintos dos anteriores, os “cartolas”, acostumados as vaidades e disputas políticas entre as federações estaduais, buscando mais poder no cenário nacional, com presidentes que já ocupavam tais cargos há muito tempo, veem-se em um novo cenário. Agora, suas posições políticas poderiam comprometer seus mandos e desmandos.

Nesta mesma edição, temos o que segundo a reportagem seria “a primeira advertência aos homens do esporte”. Em um parágrafo intitulado “A bola e a lei” destaca-se a ligação das ações de cunho político e o futebol. Neste sentido, o general Costa e Silva

[...] criticou o excesso de dribles de Jairzinho na seleção [...] Vinte dias depois, já editado o Ato nº 5, o Governo não deu nenhuma importância aos cargos de Castor de Andrade (vice-presidente do Bangu do Rio, chefe da seleção em 1967 e, durante algum tempo, lembrado como possível homem forte para o mundial de 1970), prendeu-o como bicheiro e mandou-o para a ilha grande. Junto com castor [...] Carlos Martins Teixeira, presidente do Madureira do Rio. (E o futebol? Em crise. Veja, 15 de janeiro de 1969, p. 50, Nº 19.)

A revista não esmiúça quais seriam os reais motivos das prisões, mas destaca que tais acontecimentos deixaram inquietos os senhores cartolas. Para completar e justificar os temores, “correu os rumores de que uma das tarefas da Comissão Geral de Investigações era promover uma devassa dentro da CBD e das federações dos Estados, onde houvesse qualquer suspeita de irregularidade.” Cabe analisar se o governo procurava “irregularidades” ou opositores.

João Havelange, presidente da CBD desde 1958, trata o assunto com indiferença, ele afirma que nada sabe “[...] da possível intenção do Governo em intervir na CBD. Digo também que não acredito nisso. E digo mais: se acontecesse

uma intervenção até que seria bom. Assim eu iria para casa e não me aborreceria mais”. Cheio de “aborrecimentos” Havelange permaneceria na presidência da CBD até 1974, da qual sairia para ser presidente da FIFA até o ano de 1998.

Na edição número 20 de 22 de janeiro de 1969, o cenário exposto é de total descrença em relação ao selecionado com destaque para forte crítica construída em relação ao trabalho dos cartolas. A edição destaca que “A maravilhosa arte do futebol brasileiro e a arte especial de Pelé aparecem em todos os convites para a Copa de 1970.” Porém a reportagem afirma que o selecionado passa por forte crise, talvez a pior desde 1966 quando perdeu a copa, expondo que o Brasil poderia inclusive ficar fora do mundial, já que teria que passar pelas eliminatórias.⁸

Nesta edição, o texto impresso na Revista Veja faz forte crítica aos cartolas⁹. A crise no selecionado, segundo o texto, deve-se principalmente a falta de organização, falta de projeto e ao jogo de interesses promovido e mantido pelos cartolas ao longo dos anos. Ainda, a permanência alongada destes nos seus cargos cria ligações aquém do âmbito desportivo. A revista destaca uma frase de Nilton Santos¹⁰ referindo-se a este assunto, para ele, “O Brasil precisa tomar muito cuidado com todos os seus adversários, especialmente com um: seus dirigentes”.¹¹ O cargo de diretor técnico também estava vago, este, seria responsável pela reorganização do selecionado. O presidente da CBD deveria ainda preocupar-se ainda com a chefia da delegação, outro cargo em aberto. Por este enredo, esta edição demonstra preocupação com o futuro da seleção e sua participação no mundial de 1970. São postas especulações sobre nomes que poderiam ocupar os cargos vagos, contudo, não se apresentam ligações com o governo.

Com o Título “O reinado eterno dos cartolas” a Edição 22 de 5 de fevereiro de 1969 traz em seu caderno de esporte uma crítica bem argumentada sobre o trabalho dos dirigentes do futebol brasileiro. A crítica gira em torno da falta de preparo dos mesmos para ocupar tais cargos, sendo que muitas vezes os “Cartolas” não têm ligação nenhuma com o futebol, não possuem conhecimento sobre a organização de

⁸ A seleção esta perdida. Veja, 22 de janeiro de 1969, p 42, Nº 20.

⁹ A palavra cartola no contexto do futebol, clubes e/ou seleções refere-se aos dirigentes. Neste caso, presidentes das confederações, federações ou clubes, executivos do futebol e chefes de delegações. No caso da seleção neste período, o termo cartola referia-se aos representantes da Comissão seletora nacional “COSENA”, responsável pela observação dos jogadores do país, comissão técnica, chefia de delegação, etc.

¹⁰ Nilton Santos aposentou-se do futebol em 1964, dedicando-se a partir daí ao trabalho em escolinhas de futebol para crianças carentes.

¹¹ A seleção está perdida. Veja, 22 de janeiro de 1969, p 42, Nº 20.

um time e nem mesmo estudaram tal área. A argumentação da revista baseia-se também no longo tempo que estes dirigentes passam em seus cargos. Apontando este fato como impróprio para o bom funcionamento das estruturas deste esporte.¹²

A partir desta edição entramos em um segundo período de análise: João Saldanha como técnico da seleção. A edição 23 terá como grande destaque o novo comando do selecionado. O destaque é tão grande, que na capa já temos a imagem de João Saldanha e a pergunta: “Assim se ganha copa?”, como podemos ver na figura 1.

Figura 1: Capa da Edição 23, com destaque para a contratação de João Saldanha que assumiria o comando técnico da seleção.



Fonte: Assim se ganha a copa? Veja, 12 de fevereiro de 1969, Capa, Nº 23.

O caderno de esportes desta edição é todo dedicado ao treinador da seleção. A reportagem trás uma breve biografia do novo comandante, desde sua infância até o momento em que foi convidado para assumir o comando técnico da seleção brasileira.

A aposta em João Saldanha para comandar a seleção é tratada como uma revolução, partindo do ponto em que troca-se todo o comando técnico e a forma de liderar o grupo de jogadores. O título da reportagem “O futebol criou coragem para copa” seria a fala de Saldanha após o convite, que de imediato foi aceito. Tratar

¹² O reinado eterno dos cartolas. Veja, 05 de fevereiro de 1969, p.48-50, Nº22.

como revolução este momento parece justificável se entendermos o contexto em que se insere João Saldanha. Saldanha era comentarista de futebol na Radio Nacional e tinha uma coluna diária no jornal *A última Hora*, além disso, participava esporadicamente de programas na TV Globo.¹³ José Miguel Wisnik, em seu livro “Veneno Remédio: O futebol e o Brasil”, trata a contratação do novo técnico da seguinte maneira:

João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, resolveu apostar então, por desígnios no fundo insondáveis, numa carta surpresa, e pagar para ver no que resultaria a escolha de um homem carismático, temperamental, de esquerda, jornalista conhecido mas com experiência apenas errática como técnico [...], mas capaz de magnetizar as atenções e insuflar uma nova chama no time. O convite se deu no começo de 1969, ano dos jogos eliminatórios e classificatórios para a Copa do ano seguinte. João Saldanha não só aceitou imediatamente como, na primeira entrevista coletiva, anunciou o seu time titular e o seu time reserva, numa atitude inusitada que desarma de saída as especulações costumeiras sobre futuras convocações. Num lance de efeito publicitário, chamava os jogadores de “feras”, visando “desafresca-lhar” o epíteto de “canarinhos”, que passaram a ser conhecidos como “as feras de Saldanha”. (WISNIK, 2008, p. 294)

Saldanha conhecia o futebol brasileiro e principalmente conhecia os problemas deste futebol. Segundo a reportagem, o termo revolução é bem aplicado porque Saldanha era como comentarista e colunista um crítico ferrenho do trabalho dos cartolas. Assim,

foi contra injunções e achegos que se dirigiram os artigos mais violentos e os ataques mais inflamados do jornalista João Saldanha contra os cartolas do futebol brasileiro. Em seu jornal ou na televisão, Saldanha nunca perdoou os erros do presidente da CBD, João Havelange, nem de Antonio do Passo, o homem que lhe reservou agora o lugar de técnico da seleção.¹⁴

A “incoerência” de ter João Saldanha como técnico é o destaque desta edição. Incoerência não por Saldanha ser incapaz ou não entender de futebol, mas incoerência no sentido de chamar alguém que sempre criticou aquele sistema vicioso comandado pelos cartolas para trabalhar ao lado dos cartolas. Saldanha é colocado como incorruptível como alguém que não aceitaria convocar algum jogador por interesse ou indicação de cartolas e militares. Tanto é que logo que assumiu o comando técnico anunciou quem seriam seus jogadores, titulares e reservas e que com exceção a alguma possível lesão o time para o mundial seria aquele indicado por ele no dia em que assumiu o selecionado.

¹³ O Brasil criou coragem para a copa. Veja, 12 de fevereiro de 1969, p. 47, N° 23.

¹⁴ O Brasil criou coragem para a copa. Veja, 12 de fevereiro de 1969, p. 44, N° 23.

Os “convocados” por Saldanha em seus primeiros dias como técnico seriam comandados por ele em três jogos contra o Peru, sendo que estes eram os primeiros compromissos de Saldanha como técnico da seleção. Depois dos jogos, a reportagem de *Veja* traz como destaque: “Seleção, uma imagem de Saldanha”. O futebol apresentado pelos brasileiros em campo era diferente, todos atacavam e todos defendiam, e o que mais chamava a atenção era que se precisasse partir para a disputa física, no caso para a briga a seleção estava preparada, como podemos ver na figura 2, e por este motivo seria “uma imagem de Saldanha”, no caso tido como um homem agressivo e nervoso.¹⁵

Figura 2: Caderno de esportes da edição 32 de 16 de abril de 1969, com destaque para a confusão generalizada no jogo entre Brasil e Peru.



Fonte: Seleção, uma imagem de Saldanha. *Veja*, 16 de abril de 1969, p. 46, Nº 32.

Com o andamento do trabalho de Saldanha no comando da seleção, o time ganha forma e jeito próprio e passa a empolgar os brasileiros. Isto é tratado especificamente na edição 51, de agosto de 1969. Do destaque da capa em que temos como título “O novo futebol brasileiro”¹⁶ (ver figura 3) passando pela Carta ao leitor, indo até o caderno de esportes, tem-se como destaque o trabalho de Saldanha.

¹⁵ Seleção, uma imagem de Saldanha. *Veja*, 16 de abril de 1969, p. 46, Nº 32. A nova seleção, um futebol de ataque e de defesa. *Veja*, 16 de abril de 1969, p.47, Nº 32.

¹⁶ O novo futebol brasileiro. *Veja*, 27 de agosto de 1969, Capa, Nº 51.

Na Carta ao leitor, Mino Carta apresenta grandes homens no lugar certo na hora exata e Saldanha está incluído nesta linha de pensamento. Carta destaca que Saldanha não é um técnico excepcional,

no entanto, a seleção mostra um futebol nôvo, cheio de gols no campo e alegria nas arquibancadas. O torcedor reparou que no time titular de Saldanha faltam apenas três dos convocados para a copa de 1966 para a seleção arrasada pela Inglaterra? Se os jogadores não mudaram, o que mudou?¹⁷

Figura 3: Capa da edição 51 com destaque para as mudanças no futebol brasileiro.



Fonte: O nôvo futebol brasileiro. *Veja*, 27 de agosto de 1969, Capa, Nº 51.

No caderno de esportes desta edição, encontramos um texto com a análise do trabalho de Saldanha e as explicações para seu sucesso no comando técnico do selecionado bi-campeão do mundo. O grande destaque é forma pela qual a seleção é comandada e organizada. João Saldanha é responsável por todas as esferas que envolvem a parte técnica, convocações e logística. Nesse momento o técnico escolhe quem serão os adversários, quando e aonde serão os jogos, local de hospedagem e campos de treinamento, tudo de acordo com a concepção de Saldanha e de acordo com a revista, sem influências dos cartolas.

O grande problema que o selecionado enfrentou na copa de 1966 e depois dela foi à interferência de dirigentes nas convocações, o que deixava o grupo de

¹⁷

Carta ao Leitor. *Veja*, 27 de agosto de 1969, p. 15, N º51.

jogadores inseguros e descrentes, afinal nem sempre o melhor era convocado, já que a parte técnica nem sempre era observada. Dessa forma,

problemas desse tipo já não acontece com a Seleção atual. Saldanha assumiu toda a responsabilidade pelos jogadores convocados. A sua lista saiu sem nenhuma consulta a qualquer membro da CBD. Alterar essa relação (foto que pode acontecer depois das eliminatórias) é função exclusivamente sua. Ninguém se intromete também na escalação do time. Isso por um lado, significa dar muita força a um homem só, mas por outro evita o trabalho de palpiteiros [...] ¹⁸

O trabalho dos jornalistas neste período é cercado de medo e anseios. A liberdade de imprensa, fundamental para o bom trabalho jornalístico nem sempre acontece. Este tema é tratado de maneira bem clara e didática por Mino Carta na Carta ao leitor da edição 61. Carta parafraseia Julio de Mesquita Neto, diretor de “o Estado de São Paulo”, que afirmou que “Não poderá haver democracia no Brasil enquanto não houver plena liberdade de imprensa”, esta frase faz parte de um relatório que Mesquita apresentou a Comissão Interamericana de Imprensa.

A partir dessa frase, Mino Carta pontua em relação à situação da imprensa no Brasil, segundo ele, o momento apresentava indícios de que a situação seria modificada já que o Presidente Garrastazu Médici afirmara que no final de seu mandato instauraria a democracia plena no país. Estas declarações, segundo Carta, trariam esperança para a imprensa brasileira. Para ele, “Não pode haver jornalista, consciente do seu papel, dos seus poderes e dos seus deveres [...] que não concordem com as palavras de Júlio de Mesquita Neto.” ¹⁹ Esta liberdade plena está baseada em alguns princípios defendidos por Mino Carta, usando uma fala do próprio presidente, aponta que

[...] se é verdade que “a plenitude do regime democrático é uma aspiração nacional”, como disse o Presidente Garrastazu Médici no discurso de posse, tem que caber, dentro do largo anseio, a verdadeira liberdade de uma imprensa hoje sujeita a leis excepcionalmente duras e, mais ainda, aos arbítrios dos intérpretes dessas leis. A seriedade de propósitos de imprensa não se garante com ameaça de medidas coercitivas, tampouco é assim que se criam jornalistas honestos e patriotas, bons servidores da democracia. ²⁰

O tom de crítica adotado por Mino Carta expõe a situação da imprensa naquele momento, observada pela censura e presa a uma forma de escrever e noticiar. São impostas leis duras, que ficam ainda pior por estarem sob análise de intérpretes, no caso os agentes da censura. Mas ao mesmo tempo em que expõe as

¹⁸ O futebol novo. Veja, 27 de agosto de 1969, p. 44, Nº 51.

¹⁹ Carta ao Leitor. Veja, 5 de novembro de 1969, p. 19, Nº 61.

²⁰ Carta ao Leitor. Veja, 5 de novembro de 1969, p. 19, Nº 61.

dificuldades do trabalho jornalístico em um contexto ditatorial, Carta aponta uma possível solução indicada pelo próprio presidente, no caso a redemocratização garantida por Médici em sua pose.

3.2 O gol 1000 de Pelé: O futebol como espetáculo e sua importância política e social

Na última edição do mês de novembro de 1969, temos como destaque o milésimo gol de Pelé. O jogador brasileiro é considerado o grande craque deste esporte no mundo e atinge a marca impressionante de 1000 gols na carreira as vésperas do mundial de 1970. A edição 64 da revista *Veja* dedica-se a explicar o que chama de “Alegrias de um futebol-festa”. Já na capa temos como destaque o gol mil de Pelé e a frase: “Futebol, A idéia dominante”.

Figura 4: O futebol retratado como o centro do pensamento do brasileiro.



Fonte: Futebol, a idéia dominante. *Veja*, 26 de novembro de 1969, Capa, Nº 64.

Além de trazer uma breve biografia da vida e carreira de Pelé, temos nesta edição uma apresentação sob a ótica da revista *Veja* do que é o futebol no Brasil neste período. O texto destaca o envolvimento dos brasileiros com o esporte, expõe que em um final de semana cerca de um milhão de brasileiros joga futebol e que cerca de trinta milhões se interessam pelos resultados dos times profissionais e da seleção. Grandes estádios são construídos para atender ao público com conforto,

como o caso de “Erexim (RS) faz um estádio para 45000 pessoas e só tem 40000 habitantes” Para atender este público mudanças ocorreram, o Rádio e a Televisão se modernizaram e aperfeiçoam as transições, com a intenção de atrair mais espectadores. Os anunciantes veem no esporte um caminho para divulgar suas marcas. Na revista *Veja*, por exemplo, no caderno de esportes predominam marcas de automóveis, que apresentam seus mais novos lançamentos.²¹

No âmbito político, segundo a edição, muitos se beneficiam das suas ligações com o futebol para eleger-se em cargos do legislativo ou executivo. E o presidente Médici “estaria” muito interessado em colaborar com o desenvolvimento do futebol, por ser um “fã do esporte”. Segundo o texto,

todo país conhece o interecê do presidente Garrastazu Medici pelo futebol. Êle acompanhou a transmissão direta de Santos e Vasco na televisão do Palácio da Alvorada, e logo depois do milésimo gol enviou um telegrama a Pelé cumprimentando-o pelo feito. Antes mesmo da partida, a Presidência já havia convidado o jogador para um jantar na próxima quinta-feira. [...] A criação de um ministério dos Esportes tornou-se um dos seus sonhos maiores, assim que chegou ao governo.²²

O presidente é apresentado pela revista como um grande torcedor de futebol, alguém que conhece o esporte e acompanha o mesmo. Contudo, a revista não apresenta alguma possível interferência do mesmo.

Figura 5: O presidente como um simples torcedor. Caderno de esportes da edição 64.



Fonte: Alegrias de um futebol-festa. *Veja*, 26 de novembro de 1969, p.56, Nº 64.

As edições até o final do ano de 1969 trazem questionamentos em relação à organização dos campeonatos nacionais que seguia interesses dos dirigentes e

²¹ Alegrias de um futebol-festa. *Veja*, 26 de novembro de 1969, p.54, Nº 64.

²² Alegrias de um futebol-festa. *Veja*, 26 de novembro de 1969, p.56, Nº 64.

aponta que os clubes que pretendiam ser campeões deveriam antes vencer nos corredores da CBD.

3.3 1970: A “*estranha*” demissão de João Saldanha

O ano de 1970, em que o mundial se realizaria, inicia com a preparação do selecionado para a disputa no México. O técnico João Saldanha e a comissão técnica fazem os últimos ajustes em busca do time ideal. No entanto, a edição 77, de 25 de fevereiro de 1970, traz algum questionamento em relação ao trabalho do técnico. O grupo de jogadores ainda não estava definido, alguns estavam machucados, outros voltando de lesão, como no caso de Tostão e com a volta deste, outro deveria sair.

Para a Copa, o sistema adotado por Saldanha em que os atletas eram convocados com muita antecedência e o grupo pouco se modificou ao longo do último não funcionava. Pois o grupo deveria estar completo, sem nenhum desfalque. A relação pessoal de Saldanha com os convocados não era a mesma, o atleta Scala, que cedeu lugar a Tostão, criticou o técnico que, segundo ele, lhe teria garantido o lugar no grupo da Copa e no outro dia dispensou-o. Além disso, a relação entre os membros da comissão técnica não é tão amistosa. Os médicos expõem uma situação, Saldanha outra.²³ Nas edições posteriores, o debate em relação aos convocados para o mundial fica de lado. E as reportagens apresentam os treinamentos da seleção visando o mundial.

Contudo, na edição 81 de 25 de março de 1970, o cenário calmo do selecionado muda. Esta é a primeira edição após a demissão de João Saldanha e traz uma forte crítica ao sistema em que o futebol brasileiro esta atrelado, com os Cartolas manando e desmandando. A capa desta semana já nos apresenta o centro do debate, com Saldanha e “uma cartola” em destaque como podemos ver na figura 6.

Na Carta ao Leitor, Mino Carta disserta sobre o tema:

O esporte do povo brasileiro – o futebol – só interessou aos políticos na hora da vitória. Dessa atitude aproveitaram-se muitas vezes os homens do futebol – esses que o povo chama de cartolas -, sem que o governo baixasse os olhos para vê-los. Subordinados ao Ministério da Educação e Cultura, nunca foram molestados pelos ministros – aparentemente preocupados com a educação e esquecidos que esporte também é cultura.²⁴

²³ Tristeza e alegria. Veja, 25 de fevereiro de 1969, p. 69-70, N° 77.

²⁴ Carta ao leitor. Veja, 25 de março de 1970, p. 21 N° 81.

Como vemos, Carta critica os políticos que não olham para o futebol quando não se tem vitórias e não podem beneficiar-se com ele. Dessa forma os Cartolas fazem o seu jogo, sob seus interesses e a partir de suas regras. O tom de crítica adotado por Carta, no espaço da “Carta ao leitor” é muito pertinente.

Figura 6: A edição 81 tem como destaque a demissão do técnico João Saldanha.



Fonte: O futebol dos cartolas. Veja, 25 de março de 1970, Capa Nº 81.

O caderno de esportes da edição 81 é dedicado exclusivamente ao tema “Cartolas” e a demissão de Saldanha. Inicialmente, tem-se uma crítica pesada ao trabalho dos dirigentes do futebol. São acusados de falta de preparo e de capacidade para ocupar cargos de direção, afinal

Na terra dos Cartolas, até o ar que se respira é diferente. Acomodados em seus feudos regionais, quase sempre por muitos anos, eles vivem mais tempo nos confortáveis escritórios de tapêtes felpudo e longas escrivaninhas, do que nos gramados de futebol. Se os atletas lutam diariamente por um salário melhor, ou por uma simples promoção, o trabalho dos cartolas nunca ultrapassa as portas pesadas de seus gabinetes. Ali, [...] preparam seus futuros num jôgo que pode variar desde o mais puro acôrdo até a mais incrível conspiração.²⁵

A falta de capacidade e interesse dos Cartolas em relação ao futuro e organização do futebol nacional é destacada com ênfase. O caso da demissão de Saldanha é explorado mais adiante no caderno de esportes. Este caso é até hoje

²⁵

Gramado de tapêto. Veja, 25 de março de 1970, p. 34, Nº 81.

discutido por historiadores e pesquisadores do futebol, afinal, para muitos, Saldanha teria sido demitido por não convocar o jogador Dario do Atlético Mineiro, a convocação seria indicação do presidente Médici e o fato de Saldanha não concordar com “sugestão”, fez com que ele fosse demitido.

O caso da mudança no comando técnico é explorado em um texto intitulado “De fera a Formiga”. A revista traça a passagem do técnico pela seleção. Neste contexto, Saldanha teria tido um início muito bom, sendo inclusive elogiado pela imprensa que antes havia criticado. A reportagem traz como trunfo os bons resultados em campo, as vitórias, a boa relação com repórteres e dirigentes e a amizade com os jogadores, inclusive defendendo-os em casos de indisciplina. O trabalho em seu início é extremamente elogiado pela edição, principalmente pela tranqüila classificação ao mundial.²⁶

A primeira turbulência enfrentada pelo técnico foi o corte de Toninho, por estar com problemas médicos. Este caso provocou tensões, pois o atleta foi comprado pelo São Paulo sem exames médicos. O problema seria uma sinusite e segundo Saldanha um atleta com sinusite tão grave quanto Toninho não poderia jogar na altitude do México. No entanto, depois de demitido, Saldanha desmentiu o problema e culpou o médico da seleção pelo acontecido. Além disso, a crítica é direcionada para a falta de interesse dos jogadores nos jogos e os treinos fracos, com baixa intensidade. O momento considerado derradeiro, parte da extrema irritação que Saldanha demonstrava como os jornalistas e seus críticos. Assim,

[...] a partir da semana retrasada (quando invadiu a concentração do Flamengo com um revólver na mão, à procura do técnico Iustrich, que o atacara numa entrevista), a situação de Saldanha foi piorando. No dia 14, quando a Seleção treinou contra o Bangu, ela se tornou insustentável: além de o time jogar muito mal, Saldanha resolveu barrar a entrada do Capitão Cláudio Coutinho (um dos responsáveis pela preparação física do time) nos vestiários.²⁷

Estes são os argumentos apresentados pela revista para que Saldanha fosse dispensado. Com isso inicia-se a procura por um novo técnico, que terminaria com a chegada de Zagalo para ocupar o cargo.

Como ressaltado anteriormente, existe outra versão para a demissão de Saldanha e que não é exposta pela revista. A partir disso, Luiz Henrique de Azevedo Borges em seu texto “Do complexo de vira-latas ao homem genial: O futebol como

²⁶ De fera a formiga. Veja, 25 de fevereiro de 1970, p.39, Nº 81.

²⁷ De fera a formiga. Veja, 25 de fevereiro de 1970, p.39, Nº 81.

elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira”, em que faz ponderações sobre o fato. Borges usa como referência o biógrafo de Saldanha, João Maximo. Maximo divide a passagem de Saldanha em dois momentos como a revista *Veja* faz. Num primeiro momento Saldanha tem posições firmes, mas é reconhecido pelo bom humor, alta estima e principalmente pelos bons resultados. Em seguida, vem um segundo momento, em que Saldanha irrita-se com a imprensa e passa a ter rugas com membros da comissão técnica, por isso as derrotas passam a ter um peso maior.²⁸

Os pontos observados se assemelham aos da reportagem da *Veja*. Porém, Borges destaca que,

Médici, presidente militar do Brasil, ao que parece tinha grande simpatia pelo atacante do Atlético Mineiro, Dario e Armando Nogueira em sua coluna no Jornal do Brasil comentou de forma breve e despreocupada essa simpatia presidencial pelo referido jogador. Porém, a história ganhou uma dimensão muito maior, foi afirmado que o presidente estaria querendo escalar o time de Saldanha e nesse sentido fazia questão da presença de Dario no selecionado brasileiro. Ao ser indagado por um repórter se convocaria Dario, jogador prestigiado junto ao presidente Médici, Saldanha respondeu que “o presidente escala o ministério dele que eu escalo o meu time”. (BORGES, 2007, P. 128)

Esse posicionamento, com excessiva franqueza de Saldanha, não era novidade para o final de 1969 e início de 1970. Contudo, Borges questiona, “Será que no momento político em que o Brasil se encontrava essa afirmação de Saldanha não teria grande impacto?”²⁹ No entanto, João Maximo defende a tese de que os maus resultados e a falta de paciência teriam causado a demissão de Saldanha e que Médici vivendo um momento político conturbado não dar-se-ia ao trabalho de tentar “convocar” jogadores ao selecionado. Borges rebate e expõe que “Talvez Máximo tenha se esquecido dos variados exemplos da ingerência e utilização política do futebol por vários governos autoritários.” Ou seja, esta prática não seria inédita e não causaria surpresa.

O debate em torno deste fato é pertinente e causa discórdia. No entanto, Se não é possível afirmar que Médici estava realmente empenhado na escalação de um jogador específico,

²⁸ BORGES, Luis Henrique de Azevêdo. Do complexo de vira-latas ao homem genial: O futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira. 2006. 174 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Programa de Pós- Graduação do departamento de História, Brasília, 2006.

²⁹ BORGES, 2007, p. 128.

[...] é certo que a figura de João Saldanha, dirigindo o selecionado nacional, era considerado muito inconveniente pelo seu destempero, como ficou comprovado na refrega com Yustrich, então técnico do Flamengo, e também por sua pretensa independência política. (BORGES, 2007, p. 130)

Mais do que isso, Borges aponta que, no Brasil existia um temor que Saldanha denunciasses no México as atrocidades promovidas contra os direitos humanos no Brasil, aproveitando a exposição mundial e a falta de “vigias”. Dessa forma,

o certo é que dias depois da demissão de Saldanha, Zagallo foi apresentado como seu sucessor e acabou conquistando o tricampeonato mundial para o Brasil. Com a vitória, o governo Médici explorou o tricampeonato de todas as formas possíveis, “procurando potencializar o futebol como um fator capaz de promover a “unidade na diversidade””. (BORGES, 2007, p. 131)

Com personalidade forte, quando Saldanha foi contratado, os Cartolas sabiam como ele agiria nos momentos de dificuldade e em relação aos críticos. Os motivos que lavaram a CBD a convidá-lo para o comando da seleção são incoerentes, afinal Saldanha era um dos maiores críticos do sistema adotado pelos dirigentes do futebol. O início promissor fez a imprensa e a Revista *Veja* rasgarem elogios a Saldanha, apontando-o como um técnico que não aceitaria os mandos da CBD e agiria de acordo com seus princípios. Saldanha sai e dá lugar a Zagallo, com outro perfil e ligado ao futebol do centro do país. Com isso, demos início ao terceiro momento desta análise: Zagallo como técnico da seleção e o tricampeonato mundial.

3.4 O tricampeonato: “O Sucesso da imagem e a Imagem do Sucesso”

O ano de 1970 começa com muita agitação nos bastidores do selecionado brasileiro. Zagallo assume o comando e os trabalhos de preparação para o mundial continuam no Brasil e em seguida no México onde a Copa iria acontecer entre os dias 31 de Maio e 21 de Junho. As edições 82, 83, 85 e 86³⁰ repercutem esta preparação do selecionado para a Copa, com opiniões sobre o novo comandante e discussões sobre tática. A partir da edição 91, temos quatro cadernos especiais

³⁰ As edições a seguir forma analisadas, mas não foram usadas como referencia: E para nós, nada? *Veja*, 1 de abril de 1970, p. 55, Nº 82. O meio é o fim. *Veja*, 8 de abril de 1970, p.62-63, Nº 83. Um contra todos. *Veja*, 22 de abril de 1970, p. 66, Nº 85 Adeus as ilusões. *Veja*, 29 de abril de 1970, p. 63, Nº 86.

sobre o mundial (nas edições 91, 92, 93 e 94)³¹ trazendo a cobertura dos jogos até a final e a chegada dos campeões em Brasília. Estenderemos nossa análise até a edição 95 de 01 de Julho de 1970, na qual a relação entre a vitória dos atletas no México e a imagem dos militares é associada e debatida pela revista *Veja*.

Os Cadernos da Copa cumprem a função de apresentar como o selecionado comportava-se no México. Expor os jogos e seus meandros, demonstrar como a torcida reagia no México e no Brasil e ainda apresentar as considerações táticas do time Brasileiro. Além disso, expunha como os governantes reagiam aos jogos, demonstrando o envolvimento dos mesmos com as apresentações do selecionado nacional. Com isso,

[...] mesmo os políticos mais sisudos acordaram [...] sem o ar solene e grave que foram dormir na noite anterior. Como qualquer torcedor apaixonado, todos os parlamentares não conseguiram evitar durante o dia discussões sôbre o futebol.³²

Os políticos do país são apresentados como torcedores normais, extremamente envolvidos com o esporte e este esporte, segundo a revista *Veja*, promove efeitos raros, no caso fazer os “sisudos” políticos mudarem suas expressões faciais.³³

A edição 93 apresenta a euforia com as vitórias do selecionado e que a partir disso as pessoas vão às ruas para extravasar o insucesso futebolístico. Além disso, soltar foguetes, fazer carreatas e parar as empresas para assistir os jogos “[...] configura um quadro de extravasamento de frustrações não futebolísticas,” ou seja, o brasileiro aproveita o momento e “esquece” dos demais problemas do país.³⁴

Esta edição explora como o futebol se insere como parte da cultura brasileira. A facilidade e o baixo custo para praticá-lo faz com que este esporte seja praticado em grande escala. Assim, todos os brasileiros podem praticar o futebol, e “Por isso é possível o acôrdo entre o intelectual e o semi-analfabeto, sôbre a beleza dêste ou daquele gol. Todos têm direito e condição para opinar, e essas opiniões pouco divergem, na verdade.” Além disso, “Os brasileiros, quando jogam futebol, estão dançando, como o fazem no carnaval, a outra grande festa do país”. O futebol

³¹ Caderno da Copa. *Veja*, 3 de junho de 1970, p. 39-46, Nº 91. Caderno da Copa. *Veja*, 10 de junho de 1970, p. 49-64, Nº 92. Caderno da Copa. *Veja*, 17 de junho de 1970, p. 41-56, Nº 93. Caderno da Copa. *Veja*, 24 de junho de 1970, p. 39-58, Nº 94.

³² Caderno da Copa. *Veja*, 10 de junho de 1970, p. 60, Nº 92.

³³ Caderno da Copa. *Veja*, 10 de junho de 1970, p. 60, Nº 92.

³⁴ Caderno da Copa. *Veja*, 17 de junho de 1970, p. 55, Nº 93.

passa, segundo a revista, a ser um diferencial do brasileiro, algo que só ele tem e faz com “maestria”. E

se o futebol é a nossa arte coletiva, o modo mais autêntico de expressarmos a nossa cultura e civilização, isso não quer dizer que ele seja um fim em si ou que tenha origem em si mesmo. Tal como as edificações gregas e as árias de Bach, o futebol tem origem nos sofrimentos e esperanças de toda uma coletividade. Multidões de anônimos tentaram canções antes que do âmago do mesmo povo surgissem as grandes obras musicais. Quase todo o brasileiro já deu seu chute – e dos milhões de chutes nasceu Pelé. E o povo brasileiro reconhece a sua imagem na Seleção, fruto de grandes e pequenas dores e de um imenso amor à arte.

Mas por que o povo brasileiro se reconhece numa festa que é também um conflito? Quem é inimigo do povo brasileiro? Talvez a frustração de não viver num país desenvolvido. Talvez o inimigo que todo homem precisa ter para sobreviver.³⁵

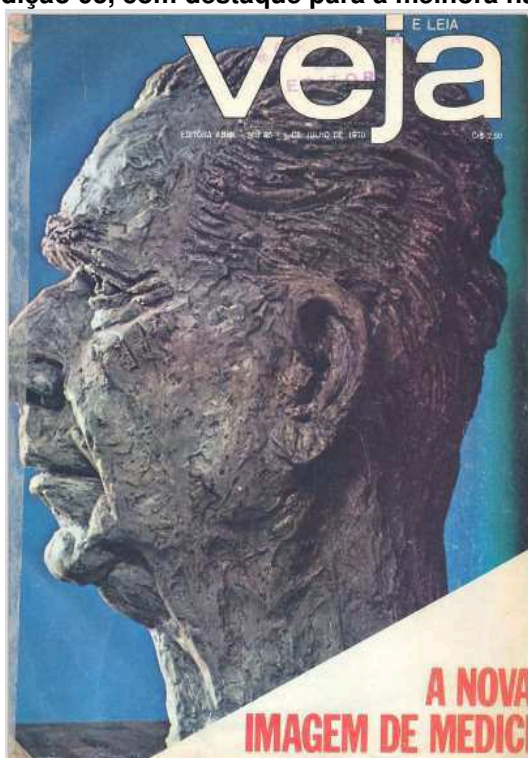
A maneira como a “paixão” dos brasileiros pelo futebol é apresentada pela revista, atrelada o esporte como parte integrante da formação de uma identidade nacional a partir da bola e dos gols do selecionado e dos clubes que disputavam torneios e ligas nacionais e internacionais. Os textos produzidos neste período demonstram a influência que o futebol pode exercer sobre a população do país, e ao mesmo tempo exhibe os governantes totalmente envolvidos com o “esporte dos brasileiros”. Na seqüência, a edição 94, os destaques são para a vitória do selecionado nacional na final do mundial de 1970, com a vitória por 4 x 1 sobre a Itália, o Brasil sagra-se tricampeão mundial. A edição debate o jogo final e apresenta a comemoração brasileira em terras mexicanas. E os brasileiros esquecem por um momento a “Bala” dos militares e louvam a “Bola” dos atletas da seleção.

A última edição a ser analisada é a de número 95 de 01 de julho de 1970. Temos aqui a chegada dos campeões no país e toda a festa pela vitória. O destaque já está na capa, mas o que chama atenção é que ao contrário do que se possa imaginar, não temos nem um “herói” da conquista no México, mas sim o presidente Médici. O título “A nova imagem de Medici” (ver figura 7) indica o que talvez seja a maior conquista para o presidente, um ganho estrondoso em popularidade. O assunto é debatido a fundo no interior da edição.

³⁵

Caderno da Copa. Veja, 17 de junho de 1970, p. 56, Nº 93.

Figura 7: Capa da edição 95, com destaque para a melhora na imagem de Médici.



Fonte: A nova imagem de Médici. *Veja*, 1 de julho de 1970, Capa, Nº 95.

Na Carta ao Leitor, temos uma síntese da “conquista” de Médici. Mino Carta expõe que essas transformações na popularidade dos governantes ocorrem em uma velocidade muito lenta e de baixo para cima, com personagens cautelosos. Neste caso,

[...] o surgimento de uma peça imprevisível e idolatrada que agiu sobre o povo e o governo com poderes praticamente mágicos alterou com uma intencidade fora dos padrões convencionais aos rumos do jogo político e propôs novamente, em termos inéditos, o importante problema da popularidade de um governo revolucionário. Esse estranho agente da felicidade coletiva foi uma estatueta de ouro: a Taça Jules Rimet. Sua chegada a Brasília provocou o alegre encontro, num só aplauso, da multidão com o General Garrastazu Médici. As reações populares e o júbilo governamental fizeram com que a imagem do presidente da república surgisse de uma forma inteiramente nova, buscada por todos há seis anos com muita persistência e algumas decepções.³⁶

Percebe-se nestas “letras” que Mino Carta entende que o governo “revolucionário” é o primeiro a conseguir popularidade após 1964 após a tomada do poder pelos militares. Médici e o tricampeonato, ou o tricampeonato em especial, conseguem o que é fundamental para legitimar o processo político ao qual o Brasil está inserido. Afinal, “a pequena estatueta parece ter conseguido o êxito onde

³⁶

Carta ao Leitor. *Veja*, 1 de julho de 1970, p. 17, Nº 95.

grandes planos e complicadas teorias falharam: o caminho da popularidade está aberto para o govêrno.”³⁷

Os destaques da capa são explorados mais adiante com detalhamento. Com o título “A imagem do sucesso” e a foto do presidente com a bandeira do Brasil a reportagem explora as alternativas seguidas por Médici para alcançar a popularidade a partir da vitória do selecionado.

Figura 8: Médici a espera dos campeões no Palácio do Planalto.



Fonte: A imagem do sucesso. Veja, 1 de julho de 1970, p.18-19, Nº 95.

A reportagem aponta que Médici chega ao Palácio de maneira diferente, naquele dia eram 70.000 mil pessoas o esperando. Uma multidão querendo ver os campeões no México que seriam recebidos pelo líder do executivo do país, que acaba ganhando destaque. Médici cumprimenta todo aquele povo, aquilo era inédito no momento. A Revista Veja destaca que alguns seguidores haviam afirmado que “surgia naquele momento uma evidente demonstração de simpatia popular ao govêrno”. A importância da popularidade já era destacada em discurso quando da sua posse. O presidente afirma:

Espero que cada brasileiro faça justiça aos meus sinceros propósitos de servi-lo e confesso lealmente que gostaria que o meu govêrno viesse, afinal a receber o prêmio da popularidade, entendida no seu legítimo e verdadeiro sentido de compreensão do povo.

Este cenário parecia um sonho aos governantes, mas ao mesmo tempo causava tensão. Naquele grande grupo de pessoas que ali estavam para ver a

³⁷

Carta ao Leitor. *Veja*, 1 de julho de 1970, p. 17, Nº 95.

seleção havia muitos opositores e isso justificava o medo e por isso alguns políticos defendiam que a seleção fosse recebida no palácio da Alvorada, afinal,

a distancia geográfica entre uma recepção publica no Palácio da Alvorada e outra no Planalto é de 6 quilômetros, mas a distancia política é varias vezes maior. O Palácio do Planalto, situado na Praça dos Três Poderes, facilitava a afluência popular, enquanto o Alvorada, fora da cidade, a dificulta.³⁸

A revista *Veja* apresenta que as pessoas ali estavam, queriam ver a taça, e que Médici sabia disso, mas quis arriscar, afinal ao mesmo tempo em que corria algum risco, podia receber homenagens, e ao final foi isso que aconteceu.

Médici posicionou-se de maneira distinta a outros presidentes. Esforçou-se para parecer um torcedor brasileiro “normal”. No dia da vitória saiu às ruas para a carreatta da vitória com outros políticos, de maneira despojada, com a camisa da seleção, Médici misturou-se aos demais torcedores que ali estavam. Levantar a taça era o sonho de muitos torcedores anônimos e Médici o fez. Estar ao lado dos campeões e recebê-los bem, levantar a taça, fazer parte da festa faz com que o presidente fosse visto como um verdadeiro torcedor.

Figura 9: Na pagina 20 temos a foto de Médici erguendo a taça do tricampeonato na festa para os jogadores. Sem dúvida erguer a Jules Rimet era o sonho de muitos brasileiros e de todos os políticos.



Fonte: A imagem do sucesso. Veja, 1 de julho de 1970, p. 20, Nº 95.

³⁸

A imagem do sucesso. Veja, 1 de julho de 1970, p.19, Nº 95.

Figura 10: Na página 21 temos a cima à chegada dos jogadores ao Brasil. Na imagem maior o dia da recepção em Brasília.



Fonte: A imagem do sucesso. *Veja*, 1 de julho de 1970, p.19-23, Nº 95.

A partir disso, devemos destacar que Médici se preocupa com a imagem e tem êxito em seus projetos. A seu favor consta um cenário distinto. A revista *Veja* afirma que a estabilidade da economia e a promessa de redemocratização faziam com que Médici fosse mais aceito pelo povo. Além disso, a instauração do AI-5 teria afetado muito a imagem de Costa e Silva, por exemplo. Médici posiciona-se de maneira diferente. Organiza um grupo de pessoas para cuidarem da “imagem” do presidente. Existe, de acordo com a revista, a produção de filmes e propagandas para apresentar o presidente e seus feitos. A reportagem destaca ainda que muitos esforços foram feitos antes do mundial, mas que as pessoas responsáveis pela comunicação do governo estivessem, naquele momento, “mais preocupados em como aproveitar os resultados positivos da Copa e os aplausos de terça-feira.”³⁹

Em outra reportagem intitulada “O sucesso da imagem” a revista *Veja* demonstra que não foi só o presidente Médici que se aproveitou do sucesso da “Bola” para promover-se. O tricampeonato fez os políticos de todo o Brasil sair em busca de um pouco da glória do mundial de 1970. Ligeiramente surpreendidos pela extensão da euforia que tomou conta de quase toda a nação, eles procuraram

³⁹

A imagem do sucesso. *Veja*, 1 de julho de 1970, p.22, Nº 95

interpretações particulares para a vitória e, na medida do possível, tentaram enquadrá-la em seus objetivos.”⁴⁰. Os governadores, em sua maioria indicados pelo próprio Médici, enalteciam o feito e apresentavam toda aquela comemoração como um símbolo da democracia, como exemplo, a revista expõe que

o Governador Peracchi Barcelos saudou o lateral-esquerdo Everaldo na sua chegada a Pôrto Alegre não apenas como um herói esportivo, mas como uma espécie de paladino da democracia, da liberdade e da Revolução de 1964: “Vocês (os jogadores tricampeões) com esta vitória, devem ter influído no espírito de quantos, a serviço de causas malsãs, procuraram enxergar no Brasil um país que não é uma democracia, mas ditadura. Mas quem quiser ver que isto não é uma ditadura, é uma democracia, que venha às ruas de todos os Estados brasileiros e vejam como o povo livremente se manifesta. Ninguém lhe tolhe os passos e êle dessa forma testemunha ao mundo que a Revolução de Março de 1964 pode ter impôsto, em certos momentos, algumas restrições, mas é uma Revolução eminentemente democrática. E exemplo disso nos deu sobejamente, o Presidente Garrastazu Medici [...]”⁴¹

Os políticos não eram vistos com freqüência nos campos de futebol, mas com a conquista “[...] multiplicaram propostas e prêmios, homenagens e aproveitamento da conquista da taça. Mesmo nas cidades que não puderam apalpar os heróis da Copa, a vitória do tri foi também um estopim político”⁴².

O Brasil é o centro do futebol mundial, foi o primeiro a tornar-se tricampeão do mundo e a partir disso,

com uma interpretação igualmente ampla e patriótica, o não pouco político João Havelange defendia a idéia de fazer de Pelé, “o brasileiro mais conhecido em todo o mundo”, um embaixador itinerante do Brasil. “Está na hora de aproveitar o prestígio do maior jogador de todos os tempos para fazer uma propaganda objetiva do governo e do povo brasileiro.”⁴³

A revista demonstra que a participação e envolvimento dos políticos na comemoração pela conquista da Copa era esperada, o que não era esperado era a participação do que chamavam de “classe média” nas comemoração. Segundo a reportagem, neste dia de comemoração foi possível ver o patrão e seus funcionários em um mesmo ambiente, com famílias inteiras, alguns a pé e outros com carrões, mas todos na rua com o mesmo objetivo: o de comemorar a taça e expor o orgulho de ser brasileiro. A explicação para a “súbita euforia da classe média na euforia futebolística” estaria estritamente ligada à popularização da televisão nesta classe, afinal, “ela (a TV) usa o que eles chamam código de assimilação mais fácil e com

⁴⁰ O sucesso da imagem. Veja, 1 de julho de 1970, p.24, Nº 95.

⁴¹ O sucesso da imagem. Veja, 1 de julho de 1970, p.24, Nº 95.

⁴² O sucesso da imagem. Veja, 1 de julho de 1970, p.24, Nº 95.

⁴³ O sucesso da imagem. Veja, 1 de julho de 1970, p.24, Nº 95.

muito mais informações do que apenas código de som.” Ao mesmo tempo as mulheres se inserem no futebol, principalmente por reconhecerem os jogadores do selecionado.⁴⁴ A Revista Veja demonstra com clareza a intenção do governo a partir da vitória na Copa. Todos pretendiam ganhar com aquela situação.

3.5 O trabalho jornalístico da Veja em um período de censura

O período analisado corresponde a um momento de censura e controle político da imprensa. Cientes disto, muitos editoriais repensavam a forma que faziam as abordagens, tanto no campo político como em outras esferas. Na análise feita, não existe por parte da Revista Veja uma crítica ao sistema de governo e suas deliberações. Contudo, apresenta sinais de adequações ao sistema. Segundo Juliana Gazzotti, no período de 1968-1973

[...]Veja não foi censurada tão rigorosamente, nem sofreu perseguições como outros órgãos de imprensa. Uma explicação para isto pode estar na pretensa neutralidade defendida pela revista. Assim, ela publicava as posições dos diferentes grupos que participavam do governo ou pretendiam conquistá-lo. Além disso, o semanário possuía alguns princípios liberais que o norteavam, mas era bastante maleável e adaptava-se ao contexto ditatorial, mesmo defendendo a abertura política. (GAZZOTTI, 2001, p.2)

Neste caso pode-se destacar que a revista não exerce crítica, e quando a faz, expõe as possibilidades de melhora no futuro e dentro do próprio governo ditatorial. A suposta neutralidade faz com que a revista seja vista de maneira distinta pelos órgãos da censura. Mas a revista também

[...] entrou em conflito com o governo militar em relação a alguns pontos específicos, teve a presença de um censor em sua redação. Mino Carta contou que veja teve a primeira manifestação da censura na edição nº 15 (18/12/68). Esta edição foi apreendida nas bancas, pois trazia na capa uma foto de Costa e Silva sozinho no plenário do Congresso, logo após a publicação do AI-5. Cerca de um ano depois, a revista foi apreendida novamente quando realizou duas capas sobre a tortura. A segunda reportagem (vol. 66, 10/12/69) não passou pela censura. “A partir desse fato passamos a ter censura na revista, inicialmente exercida pelos militares. A ordem que tinham era de censurar apenas a parte política e não a revista toda” Essa censura durou cerca de um ano dentro da própria redação e depois foi suspensa porque houve negociações entre o Diretor Responsável da revista (Edgard de Silvio Farias) e a censura. (GAZZOTTI, 2001, p.2)

Os posicionamentos de Mino Carta deixam claro como era o interior da edição da Veja neste período. Em 1971 a revista voltaria a ser censurada previamente, “Durante este tempo, Veja recebia bilhetes e telefonemas com os assuntos proibidos e que não deveriam ser publicados”. (GAZZOTTI, 2001, p. 02) Percebe-se, que a crítica da revista é direcionada principalmente a CBD a aos “Cartolas”, neste sentido,

⁴⁴ O sucesso da imagem. Veja, 1 de julho de 1970, p.24, Nº 95.

a revista conta com liberdade. Mas quando a crítica é direcionada para o governo, ou para os governantes a censura mostra sua força.

Os bilhetes passaram a fazer parte do ambiente editorial. A partir das delimitações dos “bilhetinhos” os editores produziam a revista. Para Beatriz Kushnir, “A essa ingerência e à aceitação desta norma, dá-se o nome de autocensura. Portanto a maior parte da grande imprensa brasileira aceitou, ou se submeteu, a esse pacto” (KUSHNIR, 2001, p.40). Nas condições apresentadas, a autora defende que existia um “pacto” de responsabilidade entre governo e donos de editoras para a veiculação de informações. Desse modo a

[...] a autocensura determinou o padrão de controle de informação durante 15 anos de regime autoritário, sendo os demais métodos, inclusive a censura prévia, acessório e instrumentais à implantação da autocensura.

[...] A autocensura é a supressão intencional da informação ou parte dela pelo jornalista ou empresa jornalística, de forma a iludir o leitor ou privá-lo de dados relevantes. Trata-se de uma importante fraude porque é uma mentira ativa, oriunda não de uma reação instintiva, mas da intenção de esconder a verdade.

[...] A autocensura é um crime intelectual com autoria, um ato pessoal de fraude, mesmo quando ordenado pela empresa jornalística. (KUCINSKI, 1998, p. 51-56 *apud* KUSHNIR, 2001, p.40)

Tendo em mente estas delimitações, percebe-se que a imprensa e seus produtores preferem a autocensura a ser censurado. É melhor evitar o atrito e não ter um agente da censura na edição. Mas com isso, muitos fatos deixam de chegar ao leitor. Para a Revista Veja, que além de noticiar carregava os textos de opinião e anunciava isso como um propósito, o trabalho dos jornalistas fica comprometido.

Em alguns casos, a autocensura foi deixada de lado, e com o respaldo de Mino Carta a revista publicou o que “não devia”. Assim,

no número 65, de 3/12/1969, a capa da revista, em letras garrafais, diz: “O PRESIDENTE NÃO ADMITE TORTURAS”. Declarações de juristas e do ministro da justiça, Alfredo Buzaid, garantem que o “terceiro governo da revolução” vem para construir, não para reprimir... A revista chegava às bancas no sábado; na sexta-feira, quando chegariam os informes da censura, Mino Carta mandou desligar os telefones da redação e a revista ganhou as ruas. Na Veja seguinte, de 10/12/1969, novos problema com a capa em que a temática era a tortura. A capa tem uma imagem medieval das câmaras de tortura e um dossiê de oito páginas. Por causa deste número, Raimundo Perreira deixou a chefia de Política e foi transferido para Variedades. Élio Gaspari assumiu em seu lugar e, por imposição do governo, para se redimir, em um número seguinte o senador Filinto Müller é entrevistado e fala sobre o seu jardim de flores. (KUSHNIR, 2001, p.41)

Outros órgãos de imprensa mais antigos “ousavam” com mais freqüência denunciar os atos da Ditadura civil-militar. No âmbito da política e no futebol, a

revista *Veja*, ao mesmo tempo em que criticava, acreditava nos governantes e numa suposta vontade de redemocratização que só ocorreria em 1985.

Mino Carta passa a ter papel fundamental para o entendimento da situação da Revista *Veja* em meio a censura. Kushnir define que,

[...] afeito as duplicidades e enigmas, Mino Carta, publicou uma pseudo-biografia em que todos os personagens se referem a pessoas vivas ou não, e recebem apelidos. No meio do livro, 50 páginas de narrativa pessoal com nomes e datas verídicas. Se para burlar a censura, em 1974, usou imagens, no seu texto barroco e imagético, narrou o episódio da censura a *Veja* como um depoimento. Quanto aos diabinhos, nenhuma palavra. Magoado, como a maioria dos jornalistas que entrevistei, mas extremamente lúcido na reflexão, destilou seu fel certo na terceira pessoa do singular. Contou sobre um certo Mino, que um dia, ao entrar no gabinete do ministro da Justiça, Armando Falcão com a cédula de identidade na mão e ao atira-la sobre a mesa do ministro, ouviu dele “[...] a cédula de Demétrio subversivo de codinome mino”. O fim da censura à *Veja* faz parte de um acordo, que tem como um dos alvos esse “subversivo” visto pelo ministro Falcão. (KUSHNIR, 2001, p.43)

Naquele momento o trabalho de Mino Carta na Editora Abril não está sendo visto com bons olhos. Carta passava a “denunciar” os abusos da ditadura. A partir disso, ele expõe

[...] dois ângulos, e ambas as análises o conduzem à mesma conclusão. De um lado está a Editora Abril com seu pedido de empréstimo subordinado à renúncia à linha crítica. De outro lado, a convicção de que seu tempo na *Veja* se esgotou. A MORTE DE Vlado é o ponto de ruptura. Mino sabe que a sua concepção de jornalismo já não se justifica à sombra da arvorezinha símbolo da Abril. (CARTA, 2000, p. 185 *apud* KUSHNIR, 2001, p.43)

A saída de Mino carta da revista em meados dos anos 70 está intrinsecamente ligada a estas situações. Carta não atendia mais os anseios da revista e “comprometia” sua relação com o governo ditatorial. Deve-se destacar, que o uso da vitória do selecionado no México para a melhora da imagem dos políticos, foi destacado com clareza pela revista. Os fatos foram apresentados, mas não em tom de crítica, ou como algo ruim para a população do país.

A análise dos processos de produção das reportagens da *Veja* nos ajuda a entender de forma mais abrangente seus textos. Segundo Cristiani Bereta da Silva, os periódicos impressos são um “projeto coletivo situado num determinado contexto histórico, articulado a um determinado grupo e linha editorial e que possui ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros” (SILVA, 2014, p. 25). Perceber como a censura modificou o ambiente editorial demonstra o cenário incerto de um momento de exceção, com censura, controle da imprensa, torturas e ameaças, as quais as redações estavam inseridas.

4 AS CARTAS DOS LEITORES: FUTEBOL, INTERAÇÃO E CRÍTICA

Neste capítulo, será feita uma análise sobre a relação entre leitores e produtores de *Veja* a partir das Cartas dos leitores. Cabe destacar, que não procurou-se estabelecer definições sobre o tema e nem esgotá-lo pelas fontes, tendo em mente a complexidade que envolve o tema. Cada leitor pode ter um entendimento diferente, sua interpretação e apropriação do texto são distintas de outros leitores em diferentes espaços do Brasil. Com essas definições e pelo número reduzido de material disponível, não serão estabelecidas conclusões sobre quem é o leitor de futebol em *Veja*, apenas será tecida uma reflexão sobre o tema com as fontes disponíveis.

A revista *Veja* surgiu com uma nova proposta, uma revista semanária de informação e opinião. Com essa perspectiva, a revista chega às bancas após um longo estudo sobre a sua viabilidade e público alvo. Daniela Villalta (2002, p. 8) expõe que foram feitas fortes campanhas de publicidade para o lançamento da nova revista. Mesmo com isso, o recorte temporal explorado, corresponde a um momento de consolidação da revista, fase em que ela “cria” seu leitor e avança sobre uma fatia de mercado. A partir disso, mesmo tendo

[...] características próprias, embora baseadas nos já consagrados semanários norte-americanos *Time* e *Newsweek*, e diferente de outras publicações bem-sucedidas da casa, como *Claudia* e *Realidade*, a revista semanal de informação *Veja*, era orientada para a integração de um país continental através da notícia, surgia três meses antes do Estado militar editar o Ato Institucional no 5, caracterizado como a mais autoritária lei de exceção dos militares que entre outras arbitrariedades, ressuscitava a censura prévia à imprensa, modificando profundamente a noção de liberdade de expressão, tão essencial a uma autêntica e crítica prática comunicacional. (VILLALTA, 2002, p. 8)

O amparo de um grupo editorial forte fez surgir a Revista *Veja* e este suporte foi importante para sustentá-la em circulação. Compreender o alcance da revista torna-se fundamental, neste sentido,

a publicação da Abril conhece logo no início de sua circulação o êxito dos quase 700 mil exemplares vendidos de seu primeiro número, e anos subseqüentes de fracasso (de 1968 a 1972), que culminaram quando sua circulação “despencou continuamente até que as vendas caíram abaixo de 40 mil exemplares”, embora haja outras fontes que registrem a queda em até 19 mil exemplares. (VILLALTA, 2002, p. 9)

Os reflexos desta queda vertiginosa causam alterações no projeto inicial. O público não entendia aquele novo formato e a revista não inovava nem chamava a atenção dos leitores no Brasil. Villalta aponta que

em um documento “interno e confidencial”, datado de 12/12/68, Raymond Cohen e Domingo Alzugaray propõem algumas alterações e cortes que chama de paliativos, como por exemplo ter uma estimativa mais realista de circulação, aumento do preço da capa para NCr\$ 2,00 a partir de setembro, compensar os anunciantes no ano de 1969, redução de custos com transporte, salários da redação e encargos sociais, papel e contatos comerciais, dentre outros. Na conclusão do comunicado endereçado a Roberto Civita, Cohen expressa um certo desespero com relação aos caminhos tomados pela publicação: “Tudo isto, evidentemente, não passa de paliativos. A revista, como atualmente está elaborada, carrega um prejuízo potencial e permanente de um milhão de dólares anuais. Nada indica possibilidade de recuperação a médio prazo (1 ano), nem o atual decréscimo da circulação permite prever a faixa de estabilização. Dentro de 3 semanas (até o fim do mês), a revista – possivelmente – estará vendendo 60.000 ex/ed.! Isto para mim significa que a sua própria existência estará em jogo. O problema não será como mantê-la (ou custear seu prejuízo) e sim quando fechá-la ou mudá-la radicalmente”. (VILLALTA, 2002, p. 9)

O destaque da ida do homem para a lua traz um novo fôlego para a *Veja*. A revista vai se estabilizar a partir de 1976 quando passa a ter uma média de 170 mil exemplares por semana. “Dados da revista *Imprensa* apontam que *Veja* tem uma circulação média semanal de 980 mil exemplares/assinantes, e 176 mil exemplares/banca, lidos semanalmente por um total de 4,5 milhões de pessoas.” (VILLALTA, 2002, p. 13-14). As alterações feitas pelos editores fazem com que a revista seja um sucesso comercial e de vendas. Além disso, o público leitor muda. A mudança se dá por vários motivos.

Os hábitos de leitura vivem em constante mutação, influenciados pelo maior acesso à educação básica, pelo acesso mais facilitado as produções escritas e nos dias atuais pela introdução da leitura digital, em computadores, *tablets* e celulares. Fernando Vojniak destaca que,

os historiadores vêm mostrando que o impacto da mudança no comportamento do leitor que recorre de forma mais freqüente aos meios digitais, não necessariamente em detrimento do código impresso, pelo menos por enquanto,[...] pode ser entendido no interior de uma ampla abordagem da história das revoluções da leitura, incluindo as importantes alterações nos suportes dos textos e suas implicações nas práticas de leitura. Os estudos de história do livro e da leitura têm sublinhado a necessidade de se compreender a mútua influência entre o livro (seu suporte, suas formas de produção, distribuição, circulação e manipulação) e o leitor com suas práticas de leitura em voz alta, a meia-voz ou em silêncio e suas práticas de leitura intensiva ou extensiva, segmentada ou seqüencial (VOJNIK, 2014, p.189)

Ao longo da história a leitura tornou-se mais popular e acessível a grandes camadas da população e este é um ponto marcante para compreendermos os usos da imprensa por regimes totalitários ou ditatoriais. *Veja* “nasce” justamente em um momento de fechamento político e cercada por censura como vimos anteriormente.

A seção de cartas da revista *Veja*, é um canal de comunicação e existe desde sua primeira edição em setembro de 1968. Claramente o objetivo da revista é “ouvir” seus leitores e com isso perceber qual a aceitação dos textos produzidos. Ao mesmo tempo, as cartas que são publicadas pela edição da semana passam por um processo de seleção ao qual o pesquisador tem dificuldades de reconstruir, não podendo assim ponderar sobre tais critérios.

Normalmente o espaço para as “Cartas” ocupa metade ou dois terços de uma página da revista e está disposta na vertical. Cerca de 20% das cartas analisadas possuem uma resposta por parte da revista. Isso ocorre normalmente quando são feitas perguntas pelos leitores para os editores, quando são encontrados erros nas reportagens de edições anteriores, em caso de críticas feitas a determinado assunto/tema ou ainda quando a sugestões para determinadas pautas. As Cartas são das mais variadas partes do Brasil, não tendo aparente predominância de grupos de uma determinada cidade ou estado, mas mesmo com isso pode-se afirmar que o número de cartas da região norte estão em menor número. Ainda, a grande maioria das cartas são curtas, não possuindo mais que 120 palavras, em algumas exceções, o número pode passar de 500 palavras, mas isso raramente foi visto. O número de cartas por edição, normalmente está entre três e seis.

No recorte temporal que escolhemos para esta pesquisa, apenas sete cartas tratam especificamente de futebol. Sendo que foram analisadas mais de 80 edições da revista *Veja*, esse número é considerado baixo, e não nos apresenta com precisão, qual seria o comportamento dos leitores de *Veja*. A plena possibilidade de entendimento do ser “leitor”, que pode ser ativo e articulado, ou em outro extremo, não dependeria de documentação mais ampla. Vojniak defende que “entre os estudos de história, existem numerosas e interessantes abordagens que procuram encontrar maneiras de estudar o comportamento do leitor.” E uma destas possibilidades são os arquivos, e como exemplo cita

[...] o historiador italiano Carlo Ginzburg que, a partir dos documentos inquisitoriais, explorou a vida de um moleiro no Friuli do século XVI. Menocchio, como era conhecido, ao ser perguntado pelo inquisidor sobre suas leituras, demonstrou enorme conhecimento de diferentes títulos e, para cada qual, o moleiro desfiava seus peculiares comentários que foram cuidadosamente registrados pelos censores. Toda essa documentação proporcionou um ângulo privilegiado a Ginzburg. Os autos do processo inquisitório, conforme iam revelando as opiniões do “herege” leitor, ou melhor, as opiniões heréticas de Menocchio sobre os livros que lia e sobre o modo como os lia, reunindo depoimentos de testemunhas, acabaram por revelar um arquivo repleto de informações sobre as práticas da cultura camponesa a que pertencia Menocchio [...].(VOJNIAK, 2014, p.191-192)

As diferentes linhas de pensamento dentro da História oferecem tendências distintas quando se busca compreender o leitor. Ginzburg expõe uma perspectiva relacionada à micro-história. Temos ainda as análises macroanalíticas, em que

destacam-se os estudos de história social quantitativa. O estudo de séries de longa duração oferece uma visão bastante ampla do período moderno no que tange ao comportamento dos leitores. As ondulações nos gráficos constituídos a partir da análise de catálogos publicados na Europa desde, pelo menos, o século XVI, revelam certas preferências e certos hábitos conforme o declínio ou a ascensão de um gênero, de um formato ou de uma temática. (VOJNIAK, 2014, p.193)

A tentativa de analisar e compreender o leitor direciona os pesquisadores ao que podemos chamar de “estética da recepção”. Neste sentido, o ser “leitor” torna-se mais amplo. Esta experiência estética é definida por Luis Costa Lima como

[...] a) uma forma de prazer e de conhecimento sui generis, porque conceitualmente não controlado; b) porque conceitualmente não controlado, este conhecimento tanto projeta suas prenoções e expectativas, quanto é passível de tê-las questionadas; c) enquanto integrado na experiência estética, este questionamento não se transformará em uma rede conceitual – pois esta conversão supõe um ato de distanciamento teórico e não estético – mas tenderá a se congelar em novas prenoções ou, se quisermos [...], em novos esquemas de ação. (LIMA, 1979 p. 20-21 *apud* VOJNIAK, 2014, p.195).

Por estas definições, Vojniak pede cautela “para não cair na concepção de um leitor ideal, isto é, aquele que faz uma leitura correta de certo texto, os estudos de estética da recepção tenderam a concentrar-se nas indeterminações e nos vazios da interação entre texto e leitor ou entre autor e leitor.” (VOJNIAK, 2014, p.195) O entendimento do leitor da revista *Veja* vai ligar-se aos aspectos citados.

Como citado no início deste capítulo, os hábitos de leitura se transformam ao longo dos anos, junto com essa mudança, o leitor também passa por transformações em vários aspectos, nisto relaciona a quantidade de leitura, o tipo de texto, a forma de interação com o produtor do texto e como este ser “leitor” reage a partir da leitura.

A primeira carta “encontrada” que relaciona-se ao futebol está na edição 24 de 19 de fevereiro de 1969 e faz referência a edição 23 que tem como destaque João Saldanha no comando técnico da seleção. (ver figura 01). O leitor do Rio de Janeiro, diz-se surpreso com a capa da edição 23. Segundo o leitor:

Sentia-se que a revista estava tentando acertar com a “embalagem que o conteúdo merecia, mas que até então pouco estava conseguindo. A montagem desta semana não é só excelente, como bem brasileira, pois homenageia João Saldanha, o maior técnico para a Seleção Brasileira em 1970.⁴⁵

⁴⁵ Cartas. *Veja*, 19 de fevereiro de 1969, p.3, Nº 24.

Esta Carta elogia a produção e os textos da revista e demonstra que o leitor acompanha a revista com frequência.

Já na edição 43, de julho de 1969 um leitor paulista aponta um erro na edição 41 em matéria na seção esportes, sobre o jogo entre Brasil e Inglaterra. Neste caso, a edição responde ao leitor, que está certo em sua colocação, a revista admite o erro cometido.⁴⁶ Em setembro, na edição 53, as Cartas são de leitores “famosos”, destaca ela, porque as cartas são assinadas por jornalistas, representantes de associações de imprensa e políticos. E trazem elogios a revista, o que acontece na grande maioria das cartas das edições analisadas.

As últimas quatro cartas estudadas são do período pós Copa do Mundo de 1970, ambas do mês de Julho daquele ano. As edições 95, 97 e 98,⁴⁷ trazem o que poderíamos chamar de “repercussão” da conquista da Copa do Mundo. Na edição 95 são duas cartas. Um leitor de Lages SC, destaca a grande conquista do selecionado brasileiro e a boa cobertura que os meios de comunicação fizeram da Copa de 1970, mas aponta “que tanto Veja quanto as nossas demais publicações não deram o justo destaque a João Saldanha, o homem que soube abrir e fechar portas no princípio da caminhada rumo ao tri.” Além dessa reclamação e crítica, o leitor interroga: “Sem seu trabalho e a sua coragem sentiríamos hoje essa imensa alegria?”.⁴⁸ A segunda carta traz o relato de um leitor de Pindamonhangaba- SP. Este se diz um leitor “tradicional” de *Veja* e faz elogio a matéria “Futebol de exceção”, publicada no Caderno da Copa da edição 94. O leitor exalta aquele texto e pede quem é o autor, afinal, “essa foi, sem dúvida, a melhor coisa que se escreveu sobre o futebol da seleção brasileira, em todo o Brasil, nestes dias de euforia generalizada: séria, direta, fria, analítica e, principalmente, inteligente. “Uma matéria de *Veja*.” ” A edição responde ao leitor, expondo que o autor da matéria foi o editor de esportes Antônio Euclides Teixeira que foi enviado para o México especialmente para fazer a cobertura da seleção.⁴⁹

Na edição 97, o leitor que vive em Belém do Pará, faz um texto expondo como ele acha que a Taça Jules Rimet deveria ser exposta. Para este leitor, a

⁴⁶ Cartas. *Veja*, 2 de julho de 1969, p.10, Nº 43.

⁴⁷ Cartas. *Veja*, 1 de julho de 1970, p. 8 e 10, Nº 95. Cartas. *Veja*, 15 de julho de 1970, p.10, Nº 97. Cartas. *Veja*, 22 de julho de 1970, p. 8, Nº 98.

⁴⁸ Cartas. *Veja*, 1 de julho de 1970, p. 8 e 10, Nº 95.

⁴⁹ Cartas. *Veja*, 1 de julho de 1970, p. 10, Nº 95.

conquista do mundial era um feito magnífico e que a permanência da taça nesta “nação” era motivo de muito orgulho, e que por isso a taça deveria ser exposta de maneira diferente, visando “explorar” a conquista e mostrá-la para os visitantes.⁵⁰

Por fim temos a carta da edição 98. Uma das que mais chama a atenção afinal, foi remetida de Darlinghurst, Austrália. O leitor conta que traduzia para seus amigos os cadernos da copa e que estes não entendiam porque os brasileiros estavam tão “magoados” pela perda da Copa de 1966 para a Inglaterra. O leitor afirma que os ingleses veneram o futebol brasileiro e que o diferenciam do futebol latino-americano. E uma demonstração desta “paixão” foi dada quando da final do mundial do México em que “[...] as cidades inglesas estavam praticamente desertas: todo mundo estava dentro de casa assistindo ao jogo. Eles achavam injustas frases como “1 x 0: Brasil vinga 66”, ou “ De maneira nenhuma terá compaixão no dia da vingança.” Para o autor desta carta, a revista responde com um grande texto. Afirmando que:

A copa 1970 teve o mesmo sabor de uma desforra do futebol-arte, derrotado na Inglaterra, quatro anos antes, pelo futebol-fôrça. E teve também o sabor de uma grande batalha, felizmente futebolística, entre europeus e os latino-americanos. Isto não é invenção de VEJA, é o que constatou a imprensa do mundo todo [...] O futebol brasileiro não tem ressentimentos em relação ao futebol inglês. Mas as circunstâncias entregaram ao Brasil, sem que fosse solicitado o papel de vingador.⁵¹

A proposta de diálogo com os leitores parece ser efetiva em casos como este, em que a revista “ouve” seu leitor e dialoga com ele. A dificuldade está em compreender o que pensa o leitor e o que ele faz a partir de sua leitura, como interpreta. A revista *Veja* propõem um “diálogo” com seus leitores em um momento em que as comunicações eram mais lentas.

Como dito no início deste capítulo, não pretendemos concluir quais são os hábitos de leitura do leitor de *Veja* neste período. O objetivo aqui é refletir sobre a importância e as dificuldades existentes em um processo de compreensão do “leitor”, este como agente receptivo, mas que, além disso, interpreta, reage ao que lê e interage com o autor. As Cartas a revista *Veja*, apontam um leitor crítico e conhecedor de futebol. Mas o que “vai para o papel” (não temos condições de precisar os métodos de escolhas das cartas) demonstra um leitor que “elogia” a revista e seus textos.

⁵⁰ Cartas. *Veja*, 15 de julho de 1970, p.10, Nº 97.

⁵¹ Cartas. *Veja*, 22 de julho de 1970, p. 8, Nº 98.

Ao longo deste processo identificou-se uma série de dificuldades e problemas para compreender o leitor. A revista *Veja*, que inicialmente era vendida em bancas, logo passou a ter programas para assinantes. Com isso a revista passa a ter um leitor “fiel”, ao menos no que diz respeito ao acesso a revista. Em um contexto em que a interação leitor/revista está restrita as cartas, uma das alternativas para a compreensão do agente “leitor” seria as entrevistas com os mesmos. Além disso, entrevistar os editores e “agentes produtores” da revista poderia colaborar para a elucidação dos critérios em que as cartas passavam antes de serem publicadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi o de compreender qual era a relação da revista semanária *Veja* com os governantes militares e como por meio da Revista, seria possível perceber o interesse dos governos pelo futebol, pela cultura nacional e pela identidade, bem como as formas de produção, circulação e apropriação dos discursos feitos pela revista *Veja*. Utilizar como fonte um Periódico em um recorte temporal ao qual o Brasil está inserido em uma ditadura civil-militar nos traz uma série de desafios.

Deste modo, devemos compreender o fechamento político do Brasil como um sistema ditatorial, que por um lado, apropriava-se dos meios de comunicação para promoção própria, e por outro, reprimia e censurava tudo aquilo que lhe seria prejudicial, atividades típicas de um governo totalitário. A imprensa brasileira age de várias formas, não existe um modelo predominante, cada órgão de mídia possuía interesses próprios e baseados nestes interesses moldavam seus textos. A Revista *Veja*, praticava uma autocensura, com isso temas “proibidos” eram previamente eliminados, ou seja, evitava ao máximo as críticas ao governo. Quando criticou, foi punida com a presença constante dos agentes da censura na redação da revista. O espaço da redação era destinado para a elaboração dos textos que iriam compor a revista na semana. Ali, temas não apropriados eram previamente eliminados pelos agentes da censura, quando estes ali estavam. As “rebeldias” cometidas pela *Veja* tinham como arquiteto, Mino Carta.

A revista *Veja* surge com a intenção de revolucionar o campo editorial brasileiro, com formato inovador para a América Latina. O contexto ao qual se insere, não corresponde às expectativas. A autocensura praticada pela revista pode ser justificada pela juventude da mesma, que apesar de fazer parte de um grupo editorial poderoso e consolidado, mostrava-se frágil e sem estrutura para manter-se em circulação nos seus primeiros anos.

A crônica esportiva cumpre o papel de noticiário do futebol daquele período. Ao mesmo tempo em que informava, buscava apresentar o futebol como a “arte” do brasileiro. A “paixão” do brasileiro pelo esporte é anunciada e destacada, o futebol passa a ser o esporte típico do brasileiro e as vitórias no campo alegrariam uma sociedade cheia de mazelas, sendo capaz inclusive de popularizar um presidente

militar autoritário. O futebol passa a ser, para a revista *Veja*, algo como o carnaval, um espaço/momento de democracia em que todos os brasileiros, independente de sua classe social participam. Além disso, a revista demonstra com clareza e com muita informação o uso do futebol pelos políticos para a melhora de suas imagens e popularidade perante os 90 milhões de brasileiros nos anos de 1970. A vitória no mundial torna-se um poderoso agente do governo, capaz de fazer com que a população “esqueça” por um momento, todo o contexto de ditadura civil-militar, de censura, de repressão e torturas. Esse é um discurso construído pela revista *Veja* e seus textos, mas não necessariamente representam o contexto social do Brasil naquele período.

A revista *Veja* pretende interagir com os leitores. A “Carta ao Leitor” tem como objetivo apresentar os temas centrais de cada edição. Mas a busca por inovação e interação faz com que a *Veja* produza e reserve um espaço especial para seu leitor. A “Carta” dos leitores busca estabelecer um contato freqüente e permanente com seus “consumidores”. A partir disso, buscou-se compreender quem era o “leitor” de *Veja*. Além de “ver”, o leitor, “lia”, sem dúvida não era passivo. As dificuldades em compreender os hábitos de leitura e a apropriação dos textos pelo leitor são muitas. Com um número de fontes reduzidas essa dificuldade aumenta. Não possuímos definição de como era a seleção das cartas que seriam publicadas. As cartas que eram impressas nas edições da revista se mostram elogiosas aos textos produzidos pela edição. Mas apesar disso, percebeu-se que o objetivo de interação era alcançado, com respostas às cartas por parte da revista.

Percebe-se a partir deste estudo, que a “bala” do governo civil-militar utilizou-se da “bola” do futebol brasileiro para melhorar sua imagem, e a “letra” da imprensa apesar de agir de maneira discreta, por medo da “bala” apresenta este uso e os benefícios adquiridos pelos militares a partir disso. A “bola” e o futebol tornam-se cada vez mais uma “arte brasileira”, da qual o povo sente orgulho e por ela aumenta a sua auto-estima, mesmo em um momento em que um sistema ditatorial exerce forte pressão sobre a sociedade brasileira. A imprensa, mesmo presa à censura, e por vezes a autocensura, utiliza-se da “letra” para demonstrar a força da “bola” na formação cultural da nação. Força essa que faz com que os brasileiros esqueçam por um momento a “Bala” dos militares e louvam a “Bola” e o futebol dos atletas da seleção.

6 FONTES

- Carta do editor. Victor Civita, Veja, 11 de setembro de 1968, p. 20-21, Nº 01.
- E o futebol? Em crise. Veja, 15 de janeiro de 1969, p. 50-51, Nº 19.
- A seleção esta perdida. Veja, 22 de janeiro de 1969, p 42, Nº 20.
- O reinado eterno dos cartolas. Veja, 05 de fevereiro de 1969, p.48-50, Nº 22.
- Assim se ganha a copa? Veja, 12 de fevereiro de 1968, Capa, Nº 23.
- O Brasil criou coragem para a copa. Veja, 12 de fevereiro de 1969, p. 44-49, Nº 23.
- Seleção, uma imagem de Saldanha. Veja, 16 de abril de 1969, p. 46, Nº 32.
- A nova seleção, um futebol de ataque e de defesa. Veja, 16 de abril de 1969, p.47, Nº 32.
- O nôvo futebol brasileiro. Veja, 27 de agosto de 1969, Capa, Nº 51.
- Carta ao Leitor. Mino Carta. Veja, 27 de agosto de 1969, p. 15, nº51.
- O futebol novo. Veja, 27 de agosto de 1969, p. 38-45, Nº 51.
- Carta ao Leitor. Mino Carta. Veja, 5 de novembro de 1969, p. 19, Nº 61.
- Fonte: Futebol, a idéia dominante. Veja, 26 de novembro de 1969, Capa, Nº 64.
- Alegrias de um futebol-festa. Veja, 26 de novembro de 1969, p.48-57, Nº 64.
- Tristeza e alegria. Veja, 25 de fevereiro de 1969, p. 69-70, Nº 77.
- Fonte: O futebol dos cartolas. Veja, 25 de março de 1970, Capa Nº 81.
- Carta ao leitor. Mino Carta. Veja, 25 de março de 1970, p. 21 Nº 81.
- Gramado de tapête. Veja, 25 de março de 1970, p. 34, Nº 81.
- De fera a formiga. Veja, 25 de fevereiro de 1970, p.39, Nº 81.
- E para nós, nada ?.Veja, 1 de abril de 1970, p. 55, Nº 82.
- O meio é o fim. Veja, 8 de abril de 1970, p.62-63, Nº 83.
- Um contra todos. Veja,22 de abril de 1970, p. 66, Nº 85
- Adeus as ilusões. Veja, 29 de abril de 1970, p. 63, Nº 86.
- Caderno da Copa. Veja, 3 de junho de 1970, p. 39-46, Nº 91.
- Caderno da Copa. Veja, 10 de junho de 1970, p. 49-64, Nº 92.
- Caderno da Copa. Veja, 17 de junho de 1970, p. 41-56, Nº 93.
- Caderno da Copa. Veja, 24 de junho de 1970, p. 39-58, Nº 94.
- A nova imagem de Medici. Veja, 1 de julho de 1970, Capa, Nº 95.
- Carta ao Leitor. Mino Carta. Veja, 1 de julho de 1970, p. 17, Nº 95.
- A imagem do sucesso. Veja, 1 de julho de 1970, p.19-23, Nº 95.

O sucesso da imagem. Veja, 1 de julho de 1970, p.24-29, Nº 95.

A maioria silenciosa. Veja, 1 de julho de 1970, p.30, Nº 95.

Cartas. Veja, 19 de fevereiro de 1969, p.3, Nº 24.

Cartas. Veja, 2 de julho de 1969, p.10, Nº 43.

Cartas. Veja, 1 de julho de 1970, p. 8 e 10, Nº 95.

Cartas. Veja, 15 de julho de 1970, p.10, Nº 97.

Cartas. Veja, 22 de julho de 1970, p. 8, Nº 98.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. **História cultural**: um panorama teórico e historiográfico. **Textos de História**, vol. 11, nº 1/2, 2003. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5925/4901>>. Acesso em: 14 de novembro de 2015.

BORGES, Luis Henrique de Azevêdo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial**: futebol e identidade no Brasil. Revista Histórica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, edição nº 24, agosto de 2007.

BORGES, Luis Henrique de Azevêdo. **Do complexo de vira-latas ao homem genial**: O futebol como elemento constitutivo da identidade brasileira nas crônicas de Nelson Rodrigues, João Saldanha e Armando Nogueira. 2006. 174 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Brasília, Programa de Pós- Graduação do departamento de História, Brasília, 2006.

CHARTIER, Roger. **Do Códice ao monitor**: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**, v. 8, n. 21, 1994. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/12.pdf>>. Acesso em: 14 de novembro de 2015.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 69, 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/cielo.php?pid=SO103-4014201000020000&script=sciarttext>. Acesso em: 14 de novembro de 2015.

FRAGA, Gerson Wasen. **“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira**: Nacionalismo, civilização e futebol na copa do mundo de 1950. Tese de Doutorado. PPGH UFRGS. Porto Alegre, 2009.

GAZZOTTI, Juliana. **A revista Veja e o obstáculo da censura**. Revista Olhar. Ano 03. Nº 5-6. P.1-9, JAN-DEZ/01

GIANORDELI NASCIMENTO, Ingrid Faria; MENDES, Bárbara Gonçalves; NAIFF, Denis Giovani Monteiro. **“Salve a seleção”**: ditadura militar e intervenções políticas no país do futebol **“Save the Brazilian Team”**: Military regimen and political intervention in “soccer country”. **Psicologia e Saber Social**, Rio de Janeiro, V. 3, N.1, p. 143-153, 2014.

KUSHNIR, Beatriz. **Cães de guarda:** jornalistas e censores, do AI – 5 à Constituição de 1988. 2001. 429 p. Dissertação (Doutor em História) – Universidade Estadual de Campinas, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2001.

MARTINS, Ricardo Constante. **Ditadura Militar e propaganda política:** A revista Manchete durante o período Médici. 1999. 200 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de São Carlos, Curso de pós-graduação em Ciências Sociais, São Carlos, 1999.

PEREIRA, Camila Konrath. **Pra frente Brasil:** Ditadura militar, identidade e Copa de 70. 2012. 15 p. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Futebol:** por uma história política da paixão nacional. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 57, p. 15-43, jul./dez. 2012. Editora UFPR.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

SANTOS, Daniel de Araujo dos. **Futebol e política:** A criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol. 2012. 148 f. Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil - Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais, FGV, Rio de Janeiro. 2012.

SILVA, Cristiani Bereta da. A invenção do futuro do Brasil: usos políticos do passado na Veja (1968-1978). In: AREND, Silvia Maria Fávero. (Org.). **Um país impresso:** história do tempo presente e revistas semanais no Brasil 1960-1980. Curitiba: Editora CRV, 2014. p.21-42.

VALLE, Maria Ribeiro do. 1968-2008: **O Veja “Way of Life”.** v.35, n.2, p. 129-147. Intercom- RBCC, São Paulo, jul./dez. 2012.

VILLALTA, Daniela. **O surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira.** Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. Setembro. 2002.

VOJNIAK, Fernando. A Instrumentalização da Leitura e da Escrita e a Reação do Leitor. In:_____. **O império das primeiras letras:** uma história da institucionalização da cartilha de alfabetização no século XIX. Curitiba: Prismas, 2014. Cap. 3, p. 173-275.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.